

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

A FAMÍLIA E SEUS CONFLITOS NA OBRA DE JUAN RULFO

TRABALHO DE DISSERTAÇÃO SUBMETIDO À UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA PARA A OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DE MESTRE

SORAIA IESBICH MENECHINI

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO 2005.

A FAMÍLIA E SEUS CONFLITOS NA OBRA DE JUAN RULFO

SORAIA IESBICH MENECHINI

TRABALHO DE DISSERTAÇÃO SUBMETIDO À UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA PARA A OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DE MESTRE

MESTRE EM LITERATURA

Prof. Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz
Orientador na UFSC

Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela
Coordenador de Pós-Graduação em Literatura

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças para realizar este trabalho.

A compreensão de meu marido e minha filha pelos momentos que não pude dar-lhes a atenção que merecem.

Ao professor Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz pela orientação neste trabalho.

Aos professores Drs. Alai Diniz e Walter Costa pela amizade e compreensão.

E a todos que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

*“Provavelmente aquele que nunca
cometeu um erro nunca fez uma
descoberta”.*

(Franz Kafka)

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise sobre a família e seus conflitos na obra de Juan Rulfo, autor mexicano, que escreveu “El Llano en Llamas” e “Pedro Páramo”, respectivamente 1953 e 1955. Este tema constitui o objetivo principal desta pesquisa. Partindo dos elementos que contemplam a narrativa, bem como os conceitos que falam sobre a origem da família, suas relações paternas e maternas, destinos, tipos de violências, erotismo e amor, machismo e feminismo até a evolução da mesma na era contemporânea contrastando com as famílias de Rulfo e seus conflitos vividos de acordo com a realidade social existente na ficção do autor em questão. Por fim, mostrar que os conflitos enfrentados pelos integrantes das famílias fazem o homem e a mulher criarem saídas e novas estratégias para a formação de um novo pensamento social e crítico. Este trabalho propõe chamar a atenção com base na literatura sobre a formação da família e o futuro dos seus filhos no que tange à criação de novos conceitos e novos movimentos que se formaram a partir dos conflitos vivenciados.

Palavras-chave: Literatura. Família.

ABSTRACT

The present work makes an analysis on the subject of family and its conflicts on the work of Juan Rulfo, the Mexican author wrote, "Llamo en llamas" and "Pedro Páramo" in 1953 and 1955. This theme constitutes the main objective of this research. Starting from elements which contemplate the narrative, as well as the concepts portraying the origins of family, types of families, their paternal and maternal relationships, destinies, types of violence, eroticism, and love; sexism and feminism until its evolution in the contemporary era contrasting with Rulfo's families and their conflicts lived according to the social reality existing in the author's fiction. Finally, showing that the conflicts faced by the family members make the man and the woman create exits and new strategies for the formation of a new social and critical theory. This work proposes to call attention based on the literature, on the formation of the family and the future of the children in which concerns the creation of new concepts, new movements, which were formed from the conflicts already lived.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PRIMEIRA PARTE.....	14
CAPÍTULO 1 – LITERATURA E FAMÍLIA.....	15
SEGUNDA PARTE.....	23
CAPÍTULO 2 - A FAMÍLIA, SUA ORIGEM E SEU DESTINO.....	24
2.1 ONIPRESENÇA DO TEMA FAMÍLIA.....	27
2.2 FILHOS, ORIGEM E DESTINO.....	30
2.3 TRANSGRESSÃO NO DESTINO DO FILHO.....	34
2.4 TIPOS DE FAMÍLIAS.....	37
2.4.1 A família cristã.....	38
2.4.2 A família mexicana.....	39
2.4.3 A família rulfiana e suas relações paternas e maternas.....	42
2.4.3.1 A relação pai e filho.....	46
2.4.3.2 A relação mãe e filho.....	48
CAPÍTULO 3 - AS OUTRAS FAMÍLIAS DE <i>PEDRO PÁRAMO</i>.....	51
3.1 VIOLÊNCIA FAMILIAR.....	52
3.2 O EROTISMO NA FAMÍLIA.....	58

CAPÍTULO 4 - MACHISMO VERSUS FEMINISMO.....	63
4.1 OS HOMENS DE <i>PEDRO PÁRAMO</i>	67
4.2 HOMENS DE RELAÇÕES AVESSAS.....	71
4.3 A MULHER EM <i>PEDRO PÁRAMO</i>	72
4.4 MULHERES SUBMISSAS OU DEGRADADAS.....	73
4.5 MULHERES VIRTUOSAS.....	75
CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS	85
ANEXO A – FOTO DE JUAN RULFO.....	86
ANEXO B - DIMENSIÓN UNIVERSAL DE “PEDRO PÁRAMO”	87
ANEXO C – ENTREVISTAS COM JUAN RULFO	89

INTRODUÇÃO

O tema família constituiu um dos grandes objetos de pesquisa da sociologia, da filosofia e da psicologia. Na literatura, o mesmo também se faz presente em muitas das narrativas apreciadas pelos leitores. A saga, a vida e as relações familiares vividas e descritas no universo imaginário do autor que fascinam o leitor e fazem com que o mesmo tenha um olhar crítico e acurado sobre o texto literário. Para isso um estudo sobre a obra de Juan Rulfo, em particular, sobre a família e seus conflitos vem contemplar ainda mais o conhecimento da mesma na literatura.

Juan Rulfo (1928–1986), autor mexicano, assina as obras “El Llano em llamas” (1953) e “Pedro Páramo” (1955) sendo a primeira sobre contos e a segunda um romance. Com a publicação do livro de contos, Rulfo foi beneficiado com uma bolsa de estudos no Centro México de Escritores até 1954. Outros contos como “La herencia de Matilde Arcángel” e “El día Del Derrumbe” y “El paso Del norte” foram publicados, mais tarde, em 1955, na revista Metáfora, dirigida por Jesus Arcángel e A. Silva Villalobos (MENA,1993).

No ano de 1954, Rulfo iniciava a escrita do primeiro capítulo do seu romance que se caracterizava pela conversa interior em busca do íntimo do seu personagem. Este manuscrito teve seu primeiro nome de “Los murmullos” e depois “Una estrella junto a la luna”, sendo que por último, o definitivo “Pedro Páramo”.

Quanto a este romance, a idéia que iria nortear Rulfo era sobre um povo que se relacionava com dois mundos, ou seja, a vida dos seus personagens atuando num mundo real e depois da morte dentro do imaginário que ele construiria a partir da combinação de tempos de presentes, recordações, ações e pensamentos.

Rulfo, um autor tranqüilo que disse, sem rodeios, como começou a escrever a sua obra, pois a idéia de *Pedro Páramo* já existia muito antes de escrever os contos. Os mesmos foram exercícios preliminares da idéia que comandaria a escrita do romance. Desde a infância guardava uma visão distante das cidades abandonadas, ou melhor, dos lugarejos do interior de Jalisco.

Por outro lado, comentava que o leitor deveria participar da sua história como se fosse uma espécie de co-autor, pois ele reduziu do seu romance 150 páginas e, com isso, recomendou ao leitor que deveria ler três vezes, sendo a primeira bastante complicada e a terceira seria muito fácil.

Quanto ao prazer de escrever, ele comentou que às vezes levava cinco ou seis páginas e depois disso aparecia o personagem, e as páginas iniciais, jogava-as no lixo. Mas nunca perdeu o hábito de escrever, nem se descuidou da literatura, pois era sua mania principal.

O romance de Rulfo realmente chega às livrarias com uma proposta inovadora, mostrando uma narrativa diferente das existentes em América Latina, pois as que existiam baseavam-se nos modelos europeus. *Pedro Páramo* vem como um marco novo na literatura Mexicana e, claro na literatura da América Latina.

A obra deste autor ainda é objeto de pesquisa e discussão dos estudiosos que admiram uma literatura de ficção rica em detalhes sociais que se refletem sobre vários aspectos; neste será a vida familiar. Uma obra pequena quanto ao número de páginas, mas imensa no aspecto literário. Daí Arrigucci Jr, (1967, p. 167) crítico

brasileiro, fala que Rulfo fez literatura com pouco e J. L. Borges, (1986, p. 495) diz que o romance “Pedro Páramo” é um dos melhores da literatura hispânica e quem sabe da literatura mundial.

O sucesso da narrativa de Juan Rulfo caracterizou-se por um estilo único, pois buscou unir à raiz mental às recordações de sua vida, em Jalisco, e, ainda, contribuiu para o grande momento da nova literatura da América Latina; que se formava na segunda metade do séc. XX.

Para outros estudiosos é difícil classificar o trabalho de Rulfo, pois dizer que é um romance realista ou fantástico não seria adequado, melhor como; realismo mágico, realismo maravilhoso, real maravilhoso latino-americano, ou simplesmente literatura fantástica. Na obra, conforme Rodríguez Monegal existe uma mistura entre o real e o fantástico, o qual em alguns momentos não é possível separá-los, pois vida e morte atuam na narrativa. Na época, o romance causou grande impacto, provocando debates e discussões no meio literário. Otávio Paz fala sobre o misticismo da obra e que ela se relaciona com a mitologia mexicana. Carlos Fuentes diz que a obra é mítico-universalista, aproximando-se de Guimarães Rosa que escreve no mesmo parâmetro. Sendo assim, os estudos sobre a obra de Rulfo despertam outros interesses, como nesta pesquisa, onde será realizado um estudo ou melhor uma leitura focalizando o conflito familiar.

Os aspectos a serem analisados na obra de Juan Rulfo serão os sociais e os psicológicos, bem como suas relações familiares com relação à religião e aos costumes sociais da época em que este autor escreve seus textos.

Com relação ao aspecto social interagindo com o psicológico e suas conseqüências dentro da literatura, se fará um exame sobre a obra de Juan Rulfo focalizando o conflito familiar, em particular sobre os contos: “La herencia de Matilde

Arcángel”, “Es que somos muy pobres”, “No oyes ladrar los perros” e “Paso Del norte” e o romance “Pedro Páramo”.

A narrativa será vista sob a ótica da literatura, ou seja, como ela se desenvolve na trajetória de vida de seus personagens no que tange ao aspecto familiar nos textos estudados para a comprovação do conflito existente entre os integrantes das famílias apresentadas por Juan Rulfo nos seus livros.

São as relações familiares e seus conflitos que interagindo com o meio fazem-se importantes nesse objeto de pesquisa, onde na maioria dos contos e em *Pedro Páramo* se observam a falta da mãe e a falta do pai, onde o enredo visto na narrativa faz com que o leitor busque o afetivo que existe. Este afetivo, muitas vezes, evidencia um sentimento que não é visto com satisfação, pois a figura do pai é apenas biológica, sem grandes referências ao fato em si, quando se refere à responsabilidade paterna. E o fim da existência desse pai se oculta nas entrelinhas do texto quando se refere à morte do mesmo. Sendo, a resultante disto, diretamente relacionada com a interpretação obtida através da compreensão da leitura dos contos e do romance da obra em estudo.

As grandes narrativas, na maioria das vezes, evidenciam as relações familiares, sejam elas entre o pai e o filho ou filha e a mãe e o filho ou filha, pois é delas que as histórias são contadas em romances, peças teatrais e contos e de certa forma o que o mundo recebeu, através daí grandes idéias e ensinamentos que enriqueceram a literatura até os dias de hoje. Um exemplo seria a história de Édipo Rei de Sófocles que atravessa gerações desde a Antigüidade, servindo de estudo para a humanidade quanto ao relacionamento entre pais e filhos e os conflitos que podem causar na sociedade e, também a relação pai e mãe com a filha, bem como, a importância da mulher dentro da literatura. Outro exemplo são as narrativas de

Rulfo que serão analisadas e interpretadas sobre o que mostra nos seus textos, relacionando a vida e a sociedade da qual as mesmas fazem parte.

O estudo começará a partir do primeiro capítulo, da fundamentação teórica, primeira parte intitulada Literatura e família e a segunda parte iniciará com a família, sua origem e destino e, conseqüentemente, as ações resultantes das surpresas que o destino lhe proporcionou. Depois a onipresença do tema família acompanhado pela pobreza, pela falta do pai, pela falta da mãe e pela submissão da mulher mostrada nos contos e no romance, bem como o fator sócio-econômico e a miscigenação cultural atuando no âmbito familiar como tema literário, juntamente com a relação pais e filhos no primeiro capítulo. O terceiro capítulo será dirigido às outras famílias do romance *Pedro Páramo*, no que tange ao erotismo, à violência que cercam os elementos integrantes da família, bem como seu valor literário. E no quarto capítulo será estudado o machismo explícito versus as sementes feministas, isto é, a força feminina nascendo dentro do romance e o tipo de mulher que Rulfo cria.

Assim se poderá analisar e interpretar os relatos que registraram a literatura de Rulfo para a realização de uma pesquisa sobre o conflito familiar que se forma na célula nuclear que compõe a sociedade nos seus textos e o que estes podem contribuir positivamente para a sociedade contemporânea, através da ficção vista na literatura.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

LITERATURA E FAMÍLIA

O tema família faz-se presente nas grandes narrativas desde a antiguidade até nossos dias. Isso, porque é na família que a vida inicia e surgem os frutos, ou melhor, os seus filhos. E esses serão os responsáveis pela transmissão da cultura e dos costumes às gerações futuras que transformarão a sociedade no decorrer dos séculos.

A literatura absorverá tais transformações e os conflitos decorrentes dos encontros e desencontros dos indivíduos que compõem a família e as relações destes na vida em sociedade. Como será visto nos capítulos da segunda parte, onde serão examinadas partes dos contos e fragmentos do romance que iniciam e se desenvolvem conflitos entre pais e filhos e entre filhos e a sociedade registrados nas páginas da literatura de Rulfo. Mas para que isso aconteça faz-se necessário relatar alguns conceitos sobre a arte de escrever que Rulfo demonstrou conhecer muito

bem nos seus contos e no seu romance. Uma vez que a arte de escrever se nutre dos conflitos para formar suas narrativas.

Aristóteles explicava que o processo de imitação praticado pelo homem é nato, o qual chamou de *mimese*. “Imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros vivos, pois de todos, é ele o mais imitador)” (cap. IV número 13).

De certa forma, o escritor de ficção passou a se preocupar com a verdade da qual ele quer mostrar e dizer ao leitor. “Uma indicação típica da ficcionalidade é a falsa afirmação da veracidade” (ECO, 1997).

Logo, a obra ficcional é uma imitação da realidade em que o escritor baseia-se para criar a sua narrativa para chamar a atenção dos estudiosos quando uma ação desencadeia por um objetivo o qual se quer atingir (HEGEL, 1980).

Daí os personagens dos contos e do romance mostraram exemplos disto, pois muitos deles se misturam com a realidade, conforme Umberto Eco:

Na ficção as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referência à realidade, como se deve, o leitor já não sabe onde está.

E Juan Rulfo definiu literatura:

Una mentira. La literatura es una mentira que dice la verdad. Hay que ser mentiroso para hacer literatura, ésa ha sido siempre mi teoría. Ahora que hay una diferencia importante entre mentira y falsedad. Cuando se falsean los hechos se nota inmediatamente lo artificioso de la situación. Pero cuando se está recreando una realidad en base a mentiras, cuando se reinventan un pueblo muy distinto. Aquellos que no saben de literatura creen que un libro refleja una historia real, que tiene que narrar hechos que ocurrieron con personajes que existieron. Y se equivocan: un libro es una realidad en sí, aunque mienta respecto de la obra de la otra realidad. (Toda la Obra p. 466)

Uma pergunta faz-se, segundo Antônio Cândido (1987, p. 55): “A personagem

é um ser fictício. De fato como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe?” Existirá através da grandeza do autor que mostrará com o personagem que ele cria, bem como, pelo narrador que anunciará as ações e os fatos na narrativa de ficção, seja no conto ou no romance objeto de estudo em questão, os conflitos familiares a serem discutidos.

A narrativa, além de mostrar que somos seres e estamos vivos revela uma história e narra uma vida. Isso é o que se pode dizer, segundo Paul Auster: “Existimos como seres humanos porque podemos contar histórias”¹. E são as grandes histórias que levam o homem ao universo da conquista e da realização de novas ações, o caminho para compreender sua própria existência e poder viajar no mundo maravilhoso da ficção contemporânea na escrita.

“A arte de narrar inicia com os camponeses e os marujos” (BENJAMIN, 1986, p.199). Com Juan Rulfo, em especial, o romance surge a partir das conversas que realizava com os camponeses de Jalisco sobre suas experiências de vida. Logo a experiência de vida é a grande responsável pela formação das narrativas, pois quem viaja e vive intensamente uma aventura, faz parte de uma grande revolução social ou, simplesmente, é mais um grupo que se alegra ou sofre, conforme o momento que atravessa a sua vida. Esses momentos e suas experiências irão compor o universo imaginário, onde o autor irá escrever contando, através de um narrador, que na maioria das vezes, é o personagem que fala de si mesmo, logo de sua história vivida, como exemplo teremos Pedro Páramo, Juan Preciado, Suzana San Juan e outros nos capítulos que analisam os conflitos e suas conseqüências nas famílias da ficção de Rulfo.

É a ficção, portanto, que se faz de veículo para o autor, onde ele utiliza para

¹ Entrevista de Paul Auster ao jornal Folha de São Paulo, em 21 de setembro de 1991.

poder realizar sua prática criativa que chegará ao leitor, seja na figura do personagem ou do narrador para desenvolver sua criação.

O narrador não se identifica com o autor textual ou empírico, mas com a história, ou seja, a verdade da mesma, que faz parte do mundo imaginário, onde o autor é real, mas tudo que ele declara pertence ao mundo da ficção. Logo o narrador é o ser responsável pelo fato, pela mensagem e pelo rumo que tomará a história, uma vez que ele é constituído de palavras e sentimentos, já o autor, é de carne e osso, compondo o mundo real.

Mario Vargas Llosa, romancista, relata:

El narrador es siempre un personaje inventado, un ser de ficción, al igual que los otros, aquellos a los que él cuenta, pero más importante que ellos, pues de la manera como actúa, — mostrándose u ocultándose, demorándose o precipitándose, siendo explícito o oclusivo, gárrulo o sobrio, juguetón o serio — depende que éstos nos persuadan de su verdad o nos disuadan de ella y nos parezcan títeres o caricaturas.²

Os tipos de narradores fazem-se presentes nos romances e contos como aquele que conta a história em terceira pessoa, aquele que conta a história em primeira pessoa, aquele que é o personagem principal e relata o seu próprio eu, em primeira pessoa e um outro que aparece em segunda pessoa misturando-se às vezes, com o personagem secundário, mas também poderá ser a voz do narrador principal que se disfarça para esconder a clareza dos fatos que devem ser relatados³. A esses narradores Llosa denomina onisciente o que narra em terceira pessoa, em segunda, narrador ambíguo e em primeira pessoa, narrador personagem.⁴

Aguiar e Silva classifica o narrador, conforme a teoria de Genette como: narrador autodiegético, o protagonista da história, ou seja, o personagem principal.

² LLOSA, Mario Vargas. **Cartas a un novelista**. Barcelona: Ariel, 1997. p. 63

³ Ibid, p. 66

⁴ Ibid, p. 66

O narrador heterodiegético, o que narra em terceira pessoa e homodiegético, o personagem secundário que oscilará entre a primeira e terceira pessoa dependendo da onisciência do narrador principal da narrativa.⁵

Já Walter Benjamin (1986, p. 221) não classifica, nem nomeia os narradores, ele fala sobre o ofício do narrador na ficção: “O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”.

Daí o autor cria o universo imaginário e o narrador disfarçado de personagem viaja dentro dessa criação formando a história que o leitor terá por prazer de ler, pois no romance, ele constrói e comunica uma verdade real no espaço de tempo da narrativa. A narrativa do romance caracteriza-se pela grandeza de personagens que o mesmo possa ter. No conto, o narrador também tem seu papel destacado como nos contos que serão analisados neste trabalho, pois o objetivo dele atuando com os personagens é chamar atenção do leitor que contempla tal feito. O narrador é a alma da história na ficção, através dele se conhece o propósito, as denúncias e o seguimento da história que desenvolvem a capacidade de interpretar e compreender do leitor.

O autor do romance cria um espaço destinado para falar e ser ouvido como falou Milan Kundera; “el paraíso transitorio en el que todos y cada uno tenemos el derecho de hablar y ser escuchados”. Logo, o romance faz-se ferramenta no diálogo que ocorre entre os personagens, entre os gêneros e as manifestações da sociedade, onde as relações familiares dos personagens da ficção de Rulfo retratam uma sociedade em conflito na formação de suas famílias. Mostrando que existe um mundo exterior que solicita atenção e análise.

A história da humanidade relata que, no início, um grupo de homens casava-

⁵ SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 5. ed. Coimbra, Portugal: Coimbra, 1983. p. 761-762

se com um grupo de mulheres, onde os filhos apenas tinham a mãe conhecida. Depois a mulher casou-se com vários homens ou o homem com várias mulheres, ou seja instalou-se a poligamia. Somente mais tarde surgiu o par, um homem e uma mulher que se unem para formar uma sociedade e ter filhos. Inicia a família que se institucionalizará com base matriarcal, sendo mais tarde substituída pela patriarcal. E a sociedade primitiva transforma-se em sociedade estado, detendo o poder na figura paterna. O homem pai é o estado a quem compete às leis e o governo. Surge, então, a sociedade baseada no machismo. Mas Engels (1884, p. 88-89) baseando-se nos estudos de Morgan sobre as instituições sociais informa que a preocupação com os destinos da monogamia foi muito pouco, pois está convicto que a igualdade de direitos entre o homem e a mulher chegaria através da evolução da família monogâmica.

Devido às mudanças sociais proporcionadas pela industrialização do mundo moderno, neste caso, cresce paralelamente a civilização urbana fazendo com que a população busque outras alternativas para viver em sociedade. Estas na certeza de encontrar um mundo novo e economicamente viável para as suas necessidades. Fazendo com que os homens transformem o sistema de suas vidas, colocando de lado as tradições e provando a liberdade oferecida pela descoberta do novo, ou melhor passam a fazer parte do universo de cada um. Sejam essas de âmbito econômico, social ou tecnológicos que interagirão juntamente com o psicológico dos homens.

Dessa forma, as conseqüências do ingresso na nova forma de vida que terá o indivíduo como a união ou casamento e o trabalho gerarão um grande desequilíbrio entre a razão e na atividade humana e a visão universal das coisas.

O indivíduo resultante dessas transformações logicamente entrará em

conflitos com a sociedade e com a família.

A partir disso, as famílias da ficção Juan Rulfo são bastante interessantes, uma vez que as mesmas se estabeleceram numa sociedade patriarcal, na qual as mulheres pouco decidem ou dão opinião. O que existe nas personagens femininas são alguns momentos de lucidez que as fazem questionar ou quem sabe dissimular para obter uma saída. Daí a resposta para o poder masculino que é o responsável pela direção e comando familiar.

O fascinante desta pesquisa estará nas descobertas que a mesma mostrará na literatura, sobre os filhos das famílias e seus conflitos, puderam mostrar e dizer, através de um narrador onisciente que acompanha a viagem do personagem nas narrativas da ficção de Juan Rulfo.

Toda obra de ficção moderna do século XX diferencia-se da de outras épocas, pois pede a colaboração do leitor, ou melhor necessita da interferência do receptor da ficção.

“La sensibilidad literaria del lector en comunión con a potencia creativa del autor, produce la versión definitiva de la obra.” (Mariana Frenk-Westheim, 1988 Un Mosaico Crítico). Resultando na cumplicidade do leitor que passa a ser co-autor, pois dá também sua versão sobre a obra.

Com isso, o estudo sobre a família merece um destaque especial nessa dissertação. Sendo que não quero inventar um novo argumento para a grandeza da obra, mas mostrar a problemática familiar decorrente da criação dos filhos numa sociedade patriarcal e as conseqüências que isto acarretará nos filhos das famílias mostradas por Juan Rulfo.

Com relação à palavra que compõe o mundo da literatura, Rulfo afirma que a mesma é instrumento para escrever e que muitos escreviam por escrever, não se

importavam com a história, somente com a forma. Foi quando a França criou o romance objetivo e muitos estudos sobre semântica, estruturalismo, lacanismo reduziram a palavra a símbolo absoluto.

Daí os romancistas abandonaram o humano e esse novo conceito seguiu pelo mundo, mas como ele mesmo disse, foi apenas uma moda. O importante para ele é que o *nouveau roman*, passou pela América, tendo grande força na Argentina, inclusive um instituto estruturalista e no Brasil com a influência de Lévy-Strauss, também com uma força bastante expressiva, mas terminou.

Após isso, surgiram grandes escritores no Brasil, como destaca Rulfo: Clarice Lispector, Nérida Piñon e José Lins do Rego e um outro grupo que ele também considera que eram Dalton Trevisan, Adonias Filho, Rubem Fonseca, Raquel de Queiroz e Jorge Amado, sendo este último, em sua opinião, um populista com tendências ao testemunho. Mas dos autores brasileiros a sua grande preferência era por Guimarães Rosa. Este fazia parte dos seus livros de cabeceira, pois para ele foi um inventor de linguagem na literatura brasileira.⁶

Sobre os autores mexicanos, ele salienta Carlos Fuentes como o autor urbano, o escritor que soube relatar bastante bem isso no contexto social do México. E Cortázar escreve “Rayuela” em Paris.⁷

Como se vê, Rulfo conheceu a importância de autores brasileiros e os de seu país e sabia que eles contribuíram para a formação da literatura latino-americana, o que fortalece a escolha dessa dissertação para a análise da família e seus conflitos, porque não estamos falando, apenas de um autor, mas de um conhecedor dos assuntos pertinentes da literatura.

⁶ Entrevista com Rulfo. **Toda la obra**. p. 468. (ANEXO C)

⁷ RULFO, Juan. **Toda la obra**. p. 469.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 2

A FAMÍLIA, SUA ORIGEM E SEU DESTINO

A literatura vê a palavra família como as relações de afeto, bem como as de ruptura, os desvios de conduta apresentados nas narrativas de testemunhos de vida através da figura do personagem.

De acordo com o dicionário, a palavra família, no sentido real, primeiramente, refere-se ao mesmo tipo de sangue, ou seja, o mesmo sangue que corre nas veias de um grupo de pessoas, como se ouve, em algumas vezes, dizer irmão de sangue.

“A família é um princípio ativo” (MORGAN, p. 39), pois sofre influências sociais de sua origem à sua formação por excelência. Dos grupos da pré-história até a era moderna, a família passou por várias etapas de transformação e formas sociais de conviver. Formando-se a partir da união grupal, ou seja, do casamento poligâmico, onde os filhos têm vários pais e várias mães e estes possuem primos e irmãos ao mesmo tempo; à união simples, a do casamento monogâmico vigente no

mundo civilizado (ENGELS, 1884). Logo, ela não é um simples fenômeno natural, mas uma instituição social que se modifica através da história (PRADO, 1985).

As transformações sofridas pela família no passar dos anos fizeram com que a mesma tivesse outras denominações como Família Natural ou Incompleta, formada pela mãe e filhos sem o apoio do pai para o sustento e crescimento. Nos índios americanos este tipo de família é bastante encontrado, pois quando se pergunta a uma índia quem é o pai de seus filhos ela responde “não tem pai, é filho da fortuna” (ENGELS, p. 58). Mas a família descrita aqui habita o meio social até hoje com uma simples diferença, a mesma coexiste com o suporte de uma Família Nuclear, a qual é formada por pai, mãe e filhos, isto é, a menor célula da sociedade, como base social para o seu desenvolvimento e fortalecimento de seus descendentes. E ainda se encontra a Família de Reprodução que é formada por um indivíduo com outro adulto e os filhos dela decorrentes atuando no meio social.

Com relação a um conceito mais atual, observa-se que a palavra família destina-se ao grupo de pessoas que vivem em uma mesma casa, que compartilham a mesma forma de viver em sociedade. Diz-se, também, ao grupo de pessoas que freqüentam algum tipo de crença religiosa. Não esquecendo, ainda, os seres vivos que são classificados por famílias também, pois é nela que as informações mais específicas são encontradas para que a ciência possa estudar e fazer hipóteses e teorias sobre a vida e sua origem com relação à evolução das espécies e seus relacionamentos.

Daí resulta uma das maiores preocupações do ser humano, ou seja, saber quem foram seus pais, o que eles faziam, como eles viviam. Conhecer sobre a sua história familiar que foi submetida a mudanças econômicas no decorrer do tempo influenciando a sua existência, como sendo o filho de uma família e não de outra. E

ainda para os filhos que vivem distantes dos pais ocorre mais uma preocupação, ou seja, o porquê de não estarem juntos.

E o filho, quem é? O filho é o fruto da união de dois corpos que se fundiram pelo amor ou não. Ele é a representação da semelhança de seus pais e segundo o pensamento religioso uma dádiva divina (PRADO, 1985).

O filho mais conhecido da história da humanidade é Jesus, o filho de Deus, que foi enviado para livrar os homens do poder de Satanás. Jesus Cristo veio como o mediador do mundo entre Deus e os homens, mas o poder existente na época superou a bondade e o sentimento fraterno fazendo com que a viagem do filho de Deus à terra fosse curta. Mesmo esta sendo realizada num espaço de tempo pequeno, com o objetivo de transmitir a mensagem de amor aos homens, a qual a humanidade tanto conhece e sabe sua importância, mesmo o mais hipócrita dos homens sabe da força do amor, bem como sobre a força do mal que afeta a todos. Sobre estes dois antagonismos, a literatura mostra em algumas de suas narrativas a busca do pai ou a origem do filho. O porquê da vida do filho seguir um caminho e não outro.

Desde a Antigüidade até os dias de hoje, essas, por sua vez, são algumas das razões que se podem comparar certas trajetórias de vida de filhos na literatura mundial em diferentes momentos. As dos personagens Édipo-Rei e Juan Preciado que a trajetória do destino dos dois reservou muitas surpresas aos mesmos que pensavam que suas vidas seguiriam mais tranquilas.

A vida futura do homem, como personagem de algumas narrativas, depende da sua origem, que além de familiar pode ser associada à econômica, conforme o meio social que este vive e as influências externas que ele possa sofrer. O filho é visto como o fruto bom ou mal de uma árvore que crescerá naturalmente de acordo

com as leis da natureza, mas em alguns casos, ele é considerado a aberração ou o fruto que nasceu fora de época. E, ainda, o fruto que contaminará os outros, pois será necessário afastá-lo da companhia daqueles que são bons.

Na família se verifica uma micro-sociedade, ou seja, onde inicia tudo para que o homem possa vencer ou fraquejar diante das barreiras e obstáculos na trajetória da vida. É nela que ocorrem, nascem e se criam as melhores e as piores idéias, seitas e movimentos revolucionários, nascem as idéias que ficam e transformam a forma de viver e pensar do indivíduo. E Rulfo, através de sua literatura, criou suas histórias mostrando o envolvimento familiar e suas manifestações.

2.1 ONIPRESENÇA DO TEMA FAMÍLIA

A onipresença do tema família e seus problemas como a pobreza, a falta do pai, a perda da mãe e a submissão da mulher são comuns, tanto nos contos de *El llamo en llamas*, bem como em *Pedro Páramo*. Estes problemas existentes nas famílias apresentadas por Rulfo também se caracterizam pelo sonho da conquista de algo novo ou melhor para suas famílias, pois são orientados pelo signo da angústia da quem sonhava com uma vida melhor, ou seja, distante da pobreza que se promovia através da falta de perspectivas e oportunidades para criar um meio de vida, ou da sobrevivência, de acordo com uma sociedade justa e coerente.

A pobreza na família se caracterizava pela falta ou ausência de sustento, que se resume em alimentação, trabalho e bem social para que o indivíduo possa viver

adequadamente. Sendo que essas faltas agindo sucessivamente transformam a cultura em subcultura da pobreza que se construiu a partir de transformações políticas, sociais e econômicas dos povos e nações latino-americanas e neste caso as famílias mexicanas, segundo o olhar de Rulfo.

Segundo Oscar Lewis, antropólogo, as características que englobam a pobreza no que tange o aspecto social e psicológico são o viver incômodo, a falta de privacidade no ambiente familiar, a incidência de alcoolismo, a incidência constante de violência com relação aos filhos e às mães e a iniciação precoce da vida sexual.⁸

Nos contos selecionados para essa dissertação, tomo por base “Es que somos muy pobres” como o exemplo marcante da pobreza na família, pois o mesmo nos mostra o destino de duas personagens que se prostituíram, causando assim o conflito familiar que atua sobre a história familiar desse conto. Observando um desabafo do conto, a mãe diz: “...Que Dios las ampare a las dos.” Mas o pai diz:

...ya no tiene remedio. La peligrosa es la que queda aqui, la Tacha que va como palo de acote crece y crece y que ya tiene unos comienzos de senos que prometen ser como de sus hermanas: puntiagudos y altos y medio alborotados para llamar la atención.⁹

A preocupação do pai recai unicamente pela última filha, pois a mesma perdeu o dote, nada mais que uma vaca, por consequência da inundação que sofrera a região que habitavam. Onde o narrador onisciente é o grande responsável por evidenciar o problema da pobreza desta família na figura do irmão, o qual relata os fatos presentes na narrativa do conto.

⁸ Baseado nas características que englobam a pobreza, Oscar Lewis, escreve “Los hijos de Sánchez”, uma história que revela um mundo de violência e morte, de sofrimentos, privações, de infidelidades, de lares desfeitos, de delinquência, corrupção e abuso dos poderosos, mas uma grande esperança de desfrutar uma vida melhor.

⁹ RULFO, Juan. **El llano en llamas**. Madrid, 12. ed. 2000. p. 59.

Em “Paso del Norte”, o narrador se apresenta na figura do filho que pede ajuda ao pai para partir em busca de um futuro mais promissor como segue o diálogo entre os dois:

- ¿Y cuándo volverás?.
- Pronto padre. Nomás arrejunto el dinero y me regreso. Le pagaré al doble lo que usted haga por ellos. Déles de comer, es todo lo que le encomiendo.¹⁰

A falta de oportunidades de trabalho sempre gera pobreza, e nesse caso, talvez o filho sonhando com um futuro melhor pudesse esquecê-la e quem sabe terminar com ela.

Nos dois contos não há dúvidas de que a pobreza vivida pela família é a grade responsável pelo conflito entre pais e filhos, pois na mesma proporção que ela afasta os filhos do convívio familiar, também os aproxima do sonho que é a única saída que eles têm, isto é, através da esperança, a conquista de uma vida melhor e distante da miserável, a qual estavam acostumados.

No livro “Los hijos de Sánchez”, a pobreza é ainda maior quando se refere à forma que vivem as famílias como se pode mostrar no trecho que segue:

Mi suegra y su marido vivían en un cuarto con cocina en el número treinta de la calle de Piedad. En ese tiempo cuatro de sus hijos y sus familias vivían allí: Dalila y su niño, Faustino y su esposa, Socorrito, su marido y sus tres hijos y Paula y yo. El cuarto era no muy grande, la doña Del piso – donde dormimos – era tosca, burda, toda dispareja. Las paredes se veían llenas de dedazos de las chinches que mataban. Y había cantidad de Chinches ahí... yo desde luego no estaba acostumbrado – por mi padre, ¿verdad?, como es extremadamente limpio, y en la casa pocas veces hubo tal cantidad de animales. Aquí no había excusado adentro, únicamente excusado colectivo, afuera, y siempre en un estado desastroso, pero horrible aquello, ¡vaya!¹¹

¹⁰ Ibid, p. 133

¹¹ LEWIS, Oscar. **Los Hijos de Sánchez**. México:D. F.1971, p. 160.

Nos contos anteriores não se vê relatado a descrição do lar, somente se sabe que vivem com grandes dificuldades, mas a pobreza reina nas narrativas dos contos como no livro citado. Logo, ela é o grande mal que acompanha a família, não permitindo que os integrantes da célula núcleo vençam as barreiras para o futuro com satisfação e a conquista de uma vida melhor.

A diferença entre as histórias dos contos e as de Lewis encontra-se na separação, pois no primeiro conto, o pai quer que a filha se case para partir; no segundo, o filho quer deixar sua família com o pai. Sendo que a família descrita por Lewis se caracteriza por um conjunto de famílias que vivem juntas em busca da sobrevivência.

2.2 FILHOS, ORIGEM E DESTINO

O clássico da Literatura, em especial, a tragédia grega de Sófocles, Édipo Rei, relata uma das maiores histórias sobre origem e destino. A história de Édipo parte da previsão do Oráculo para seguir seu destino, pois tal previsão era tão trágica que ele foi abandonado no monte Citéron para morrer. Mas ele foi encontrado por um pastor, que mais tarde o leva a Corinto, para ser criado e educado pelo rei e pela rainha como filho. Ao saber das previsões se afasta de sua família para que o destino não se cumpra.

Édipo sai em busca de um destino diferente do que previa o Oráculo, lógico na busca de não conhecer a fatalidade à qual estava predestinado. Mas o Oráculo

estava certo e ele se depararia com a tragédia do seu destino, onde o conhecimento da previsão se faz real na sua vida. Não adiantou buscar outro destino.

O destino que descreve Sófocles, em sua peça, mostra que este não é ludibriado por nada, o mesmo se completa e põe em prática as definições de Aristóteles sobre o mito que representa Édipo rei e a ação que copia a vida representada na referida peça. Logo os acontecimentos da peça têm o propósito de mostrar uma vida psíquica de onde eles são emanados, segundo Fergusson.¹²

Já o conhecimento ocupa um lugar em destaque, segundo Aristóteles, pois é o momento principal da história que foi narrada na peça e revela a grande verdade sobre a origem de Édipo. Mas cabe informar algumas idéias de Aristóteles:

...Ação simples aquela que, sendo coerente, de modo acima determinado, efetua a mutação de fortuna, sem peripécia ou reconhecimento; ação complexa, denomino aquela em que se faz pelo reconhecimento ou peripécia, ou por ambos conjuntamente.
O conhecimento, como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecimento.¹³

E, como se sabe a descoberta do conhecimento para Édipo foi quando ele percebeu que havia matado o pai e se casado com a mãe. O terrível acontecimento fez com que ele furasse os olhos e fosse viver na floresta como é do nosso conhecimento.

O destino se fez mais forte que a própria vontade de não passar pela tragédia, a qual ele pensava que poderia ter evitado.

Já Juan Preciado vai em busca do destino, à procura do pai que ele não conheceu.

¹² FERGUSSON, Francis. **Evolução e sentido no teatro**. Tradução Heloisa de Holanda G. Ferreira. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

¹³ ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

Vine a Comala porque me dijeron que acá vivía mi padre, un tal de Pedro Páramo. Mi madre me lo dijo. Y yo le prometí que vendría a verlo en cuanto ella muriera. Le apreté sus manos en señal de que lo haría, pues ella estaba por morirse y yo en un plan de prometerlo todo. No dejes de ir a visitarlo – me respondió – Se llama de este modo y de este otro. Estoy segura de que le dará gusto conocerte.¹⁴

Na viagem de Juan Preciado por Comala, ele começa tomar conhecimento do mundo inesperado que existe nesta região, e muito se surpreende. O primeiro impacto acontece quando ele chega à casa de Eduviges Dyada, pois descobre que a mesma foi avisada sobre a busca de sua origem e sua vinda à cidade:

- ¿De modo que usted es hijo de ella?
- ¿De quién?
- Respondi.
- Sí, ¿pero como lo sabe?
- Ella me aviso que usted vendría. Y hoy precisamente. Que llegaría hoy.
- ¿Quién? ¿Mi madre?
- Sí. Ella.
- Yo no supe qué pensar. Ni ella me dejó en qué pensar.¹⁵

Nesse primeiro diálogo inicia a primeira descoberta e ao mesmo tempo a grande dúvida; se sua mãe estava morta, como poderia ter se comunicado com Eduviges?

No seguimento da narrativa, Eduviges informa que Abundio, filho de Pedro Páramo, a pessoa que o havia conduzido até a casa dela, estava morta. Ela pergunta: quem sabe, quem o trouxera seria outra? Depois ela informa sobre um outro irmão que também morreu, Miguel Páramo, porque esse tinha um cavalo que parecia sentir a sua falta. E a própria Eduviges dá-se conta de que Preciado não compreende o mundo novo que ele está descobrindo.

¹⁴ Ibid, **Toda la Obra**. p. 179

¹⁵ Ibid. **Toda la Obra**. p. 186.

Juan Preciado segue sua viagem por Comala e comunica-se com várias pessoas que estão mortas, conhecendo assim a sua realidade triste e fantasmagórica, pois o pai que ele tanto queria encontrar, a outra parte da sua origem, também está morto. Mas o pior de tudo ele descobre depois. Ao encontrar-se com “os irmãos incestuosos”, ele ouve os murmúrios e descobre o outro mundo, ou seja, o da morte, pois também está morto, apenas não havia percebido antes.

As semelhanças entre Édipo e Juan Preciado são a busca da verdade, a busca de um destino bom e não dos conflitos e tragédias que os mesmos enfrentaram.

Já as diferenças estão diretamente ligadas ao campo psicológico das narrativas como, Édipo não conhece a mãe verdadeira no início da peça, Juan Preciado conhece a sua no início do romance. Édipo transgride com relação aos Mandamentos de Deus, segundo o cristianismo ao praticar o incesto com a própria mãe e o assassinato do pai.

Tais transgressões processaram uma mudança no rumo de sua vida, devido à preocupação de seus pais em relação às previsões do Oráculo, sobre o futuro.

Com Juan Preciado, ocorre diferente, pois ele estava consciente das palavras da mãe no seu leito de morte, acreditava que o seu futuro seria tranqüilo e promissor. Um grande engano, o destino destes dois personagens da ficção já estava traçado, pelos autores que já tinham a convicção do que mostrariam no campo da literatura. E, ainda, o conhecimento da realidade dos dois se aproximou da tragédia de vida que presenciou fatalidades e ironias, nas quais os dois pensavam que não fariam parte de suas vidas.

2.3 TRANSGRESSÃO NO DESTINO DO FILHO

Todo ser humano nasce e terá um destino, em algum momento, terá ou não algumas surpresas na sua vida que são boas ou não. E isto faz com que ele crie situações e condições de sobrevivência, de relações familiares e de viver em sociedade. Mas os agentes externos que se constroem na trajetória da vida pela falta de sorte e oportunidade, muitas vezes, fazem o destino seguir outro caminho, onde o espaço reservado para ser feliz é dado ao infortúnio que roubou a felicidade a que ele tem direito. Um exemplo disso é a trajetória de vida de alguns personagens de Rulfo que a literatura registra seus conflitos e transgressões na vida familiar e em sociedade, os quais serão descritos agora.

Um dos irmãos de Juan Preciado se chama Abundio Martínez, aquele que o conduz à casa de Eduviges.

Abundio assassina seu pai com muita raiva e revolta, pois ele não suporta a falta de compreensão do pai quando ele pede ajuda para que possa enterrar sua mulher. A solicitação de ajuda pedida ao pai ocorre outra vez como já foi comentado antes no conto “Paso Del Norte”.

O ponto de partida para o parricídio é a morte da mulher de Abundio, talvez a única coisa que ele tinha, o que lhe deu coragem para que a ação dramática se realizasse, como está descrita no próprio livro:

- Denme una caridad para enterrar a mi mujer dijo.
 Damiana Cisneros rezaba: “De las asechanzas Del enemigo malo, líbranos, Señor.” Y le apuntaba con las manos haciendo la señal de la cruz.
 Abundio Martínez vio a la mujer de los ojos azorados, poniéndole aquella cruz enfrente, y se estremeció. Pienso que tal demonio lo había seguido hasta allí, y se dio vuelta, esperando encontrarse con alguna mala figuración. Al no ver a nadie, repitió:
 _Vengo por una ayudita para enterrar a mi muerta.
 El sol le llegaba por la espalda. Ese sol recién salido, casi frío, desfigurado por el polvo de la tierra.

La cara de Pedro Páramo se escondió debajo de las cobijas como si se escondiera de la luz, mientras que los gritos de Damiana se oían salir más repetidos, atravesando los campos: “¡Están matando a don Pedro!” Abundio Martínez oía que aquella mujer gritaba. No sabía qué hacer para acabar con esos gritos.¹⁶

A incoseqüência de Abundio coloca fim na vida do cacique, ou melhor, do chefe de Comala que comandava tudo e todos, menos o destino de seus filhos que não puderam desfrutar de um melhor.

Um filho vai em busca da história de sua origem, ou seja, na busca do pai, Juan Preciado e o outro, em busca do fim do pai, Abundio. Mas nenhum dos dois conseguiu escapar dos conflitos e armadilhas, as quais a vida lhes preparou, porque mesmo depois de descobrir que estavam mortos não puderam fugir de seus problemas.

O crime praticado por Abundio é a própria encarnação da loucura travestida de coragem para vingar-se da não ajuda prestada pelo pai que representava o poder e o comando de Comala. Daí a realização da ação foi praticamente consciente. Já a ação de Édipo foi totalmente diferente, pois não sabia quem era seu pai, mas os dois cometeram o parricídio.

Tais transgressões são realizadas a partir de situações diferentes que desejam a busca de suas origens. Há outras transgressões na obra de Rulfo, mas abordarei aqui uma das mais importantes da obra, ou seja, a morte do pai efetuada pelo próprio filho em *Pedro Páramo*.

Segundo o catolicismo, o pecado é a transgressão voluntária da lei divina. O que é lei divina? São as normas que os cristãos devem seguir para que não cometam pecados. Mas, para a literatura a preocupação recai para a causa e conseqüência da realização das mesmas no ambiente da ficção.

¹⁶ Ibid. **Toda la obra** p. 300-301.

Na obra de Rulfo a transgressão maior, a qual leva o nome de parricídio parece estar ligada diretamente a outras transgressões menores que foram se unindo para a realização do mesmo. A figura do pai marcada pelo não cumprimento das suas obrigações de zelo e cuidado para que o filho tivesse uma vida tranqüila contribuíram para a fatalidade ocasionada na trajetória de vida de Abundio em *Pedro Páramo*, marcada pelo abandono. O lutar pela vida, onde não exista abandono, fome e doenças, as quais a ciência já controla, é amparar o ser no seu crescimento para sua formação educacional fazem parte do mundo moderno social e religioso:

Lutar pela vida: O “não matarás” do Decálogo é uma exigência de lutar por uma sociedade na qual não mais se morra de fome, de abandono, de doenças já controladas pela ciência, de acidentes de trabalho. A vida é o dom maior de Deus e todos que lutam “para que todos tenham vida” (Jo 10, 10) participam da construção do projeto de Deus na história. O respeito à vida coloca os direitos dos pobres acima de qualquer outro interesse e estende-se à natureza, à preservação do equilíbrio ecológico.¹⁷

O crime ocorreu, justamente, pela falta de responsabilidade do pai associada à incoseqüência do filho que põe fim na vida do Chefe de Comala.

Para todo o crime, aprendeu-se que deveria ocorrer um castigo, e é isso que Rulfo tenta explicar. O castigo de uma forma virá mesmo que seja depois da morte, pois Rulfo parte do ponto de vista filosófico que sobrepõe ao teológico, Isto é, a punição de alguma forma se concretiza, uma vez que seus personagens estão regidos pelas leis cristãs, então o castigo se fez presente.

A transgressão praticada por Abundio, como se viu, é visível. Já o parricídio realizado por Eufemio Cedillo, filho, se instala através da subjetividade, pois a falta de cuidado e de amor levam ao alívio de saber que o pai morreu para se livrar de

¹⁷ BETTO, Frei. **Catecismo Popular**. São Paulo: Ática, 1991.

toda a culpa. Sendo que ao mesmo tempo, Euremio, filho, se liberta do peso que sua vida causava a seu pai.

O parricídio aparece na obra de Rulfo como uma saída para a causa dos males que permeiam a narrativa na figura do pai que transcende o poder divino e natural do ser, ou seja, o mecanismo que move tal narrativa parece assumir uma identidade bíblica, pois o transgressor deverá ser castigado de uma forma ortodoxa ou não.

Mas verifiquemos outra transgressão que percorre os textos de Rulfo e seu respectivo castigo, porque a mesmo não foi esquecido em nenhum momento. Um outro exemplo com relação à morte está mostrado no conto “Diles que no me maten”, onde o protagonista pede o tempo todo para não matá-lo, pois está arrependido do crime, o qual cometeu, um assassinato. É mais uma vez a presença real do conflito entre pai e filho. Dessa vez de forma inversa, o pai pede ao filho ajuda para se livrar da culpa e do castigo, necessitando da proteção do mesmo para que não o encontrem. Como o filho não o atendeu, a morte do pai aconteceu no final por fuzilamento e sem perdão. Nada mais que um outro parricídio subjetivo apresentado novamente nos contos de Rulfo.

2.4 TIPOS DE FAMÍLIAS

“A família é o produto do sistema social e refletirá sua cultura” (MORGAN, p.39), Serão observadas aqui três famílias fundamentais para a compreensão da

família abordada por Rulfo na sua obra, que são a família cristã, a família mexicana e a família rulfiana .

2.4.1 A família cristã

A família cristã como se sabe surge através dos seguidores da ideologia de Cristo com base no amor e na fé dos homens. Sendo que esses homens devem seguir os mandamentos, ou seja, as leis que regulamentam o Cristianismo para a formação da família e seus descendentes para viver em sociedade. E essa se forma a partir da união de amor. Nascendo da opção pessoal e única consciente e livre, assim criando condições para que seus membros mantenham diálogos e possam realizar a descoberta e o conhecimento mutuamente.

A função principal da família é a educação que se processa através do relacionamento familiar, onde todos se educam e em conjunto constrói a felicidade que poderá ser multiplicada a cada dia na criação dos filhos.

Para a união e o bem estar, devem ser vistas, através das condições para que a responsabilidade pertença a todos os seus integrantes, para que constitua uma relação de companheirismo e de amor através da convivência pessoal que reflete na própria sociedade.

Baseada nisso, a família foi elevada à dignidade de Sacramento, onde tem na sua própria origem e existência, a graça de Deus. Sendo os esposos responsáveis pelo ofício de salvar as pessoas e a sociedade. Isso seria para a família ideal que não sofre pressão do meio econômico e social. A que sofre, está submetida ao

autoritarismo e ao cumprimento dos deveres e regras impostas que foram transmitidas ao longo das gerações e das evoluções do próprio ser humano.

Por outro lado, a Igreja acredita que mesmo a família sendo a instituição básica da sociedade, ela está sujeita a sofrer crises na sociedade, bem como no mundo em geral. O que resulta ao homem duas opções que são a obediência a valores que o fazem ultrapassar a si mesmo e a seus interesses imediatos e assim se liberta; ou se escraviza dos valores morais e sociais que arruinam toda a comunidade humana.

Portanto, é esta escravidão que a literatura de Rulfo relata nos textos e evidencia as relações familiares que terminam em conflito na família.

2.4.2 A família mexicana

Para falar de família mexicana é necessário partir das reflexões e conclusões que Octavio Paz faz sobre a origem do mexicano a partir do índio ou, melhor, dos índios que formavam o Império Asteca. Sendo este reino possuidor de uma cultura, leis e religião próprias para governar seu povo. Mas uma sociedade constituída que não conhecia as armas e artimanhas dos conquistadores espanhóis que invadiram o seu território matando seu Imperador, e assim se apoderaram de seu território e povo que passou pelo processo de transformação e miscigenação resultando na família mexicana de hoje.

Com relação a esta transformação, se percebe que a família mexicana fechou-se em si mesma como indivíduo. O fechamento, a reserva do povo mexicano

fazem com que ele seja antigo e secreto na sociedade mundial, mas não para ele próprio. “Quando ele deseja sair de si mesmo é necessário ultrapassar barreiras, se embriagar e esquecer sua condição social” (PAZ, 1981, p. 78). A partir disto, se pode ressaltar que o mexicano é um indivíduo resultante das transformações religiosas, econômicas e sociais que atravessaram o país para a formação do povo mexicano.

Octavio Paz diz:

Un mexicano es un problema, siempre, para otro mexicano y para sí mismo. Ahora bien, nada más simple que reducir todo el complejo grupo de actitudes que nos caracteriza – y en especial la que consiste en ser un problema para nosotros mismos – a lo que se podría llamar “moral de siervo”, por oposición no solamente a la moral de señor”, sino a la moral moderna, proletaria o burguesa.

La desconfianza, el disimulo, la reserva cortés que cierra el paso al extraño, la ironía, todas, en fin, las oscilaciones psíquicas con que al eludir la mirada ajena nos iludimos a nosotros mismos, son rasgos de gente dominada, que teme y que finge frente al señor. Es revelador que nuestra intimidad jamás aflore de manera natural, sin el acicate de la fiesta, el alcohol o la muerte.¹⁸

Mais adiante, no mesmo livro de Octavio Paz, ele cita a frase que expressa a raiva, a alegria e o entusiasmo de ser mexicano: “¡Viva México, hijos de la Chingada!” (PAZ, p. 82). Nessas palavras e buscando informações sobre a expressão usada, verifica-se o grau de importância da mesma, pois relata o sentimento violado de um povo que poderia ser diferente se não fosse totalmente ferido na sua essência, na origem da progenitora, ou seja, na figura pátria que representa a mãe, ou seja, o centro afetivo e social da família.

Acontece a miscigenação do mexicano, a partir da união da rainha asteca com o homem espanhol que marca um dos grandes momentos históricos do México,

¹⁸ PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad. Postdata. Vuelta a El laberinto de la soledad.** 5.ed. México, 1998. p. 77-78.

pois a rainha representa “la madre violada”, na figura de Malinche,¹⁹ a amante do Cortéz. Ela se entrega voluntariamente ao conquistador. Ele, depois, a esquece como conta a história do povo mexicano. Nesse momento se forma a grande mancha que os marca pelo espanhol conquistador, que usou a sedução como arma para dominar. O que resultou na violação do sentimento de uma mulher, a qual teve um filho e o pai não reconheceu a paternidade, ou seja, sem a assistência do pai, ou como diz Octavio Paz; “un hijo de la Chingada”.²⁰

Um outro grande momento está representado pela Virgem de Guadalupe, a índia símbolo dos Astecas, “nuestra madre”, deusa da fertilidade. E ao contrário da outra, a pureza, a santidade, isto é, a Virgem que representa o consolo dos pobres, o escudo dos fracos e o amparo dos oprimidos.²¹

Portanto, os mexicanos sentem-se invadidos pelo conquistador, pois ele não respeitou seus sentimentos.

Por outro lado, eles contam com a força da Virgem que os protege.²² Inicia-se, então o grande sentimento religioso que acompanha o homem mexicano.

No mundo moderno, as mudanças sociais proporcionadas pela industrialização, neste caso, cresce paralelamente à civilização urbana, isto é, a população do campo busca a cidade na certeza de encontrar um mundo novo e economicamente viável para as suas necessidades. E isso faz com que os homens

¹⁹ O termo “Malinchista” foi usado pelos mexicanos para denominar as pessoas que foram contagiadas por tendências de estrangeiros, pois abriram as portas para o exterior, uma vez que Malinche entregou-se ao Cortés sem nenhuma objeção.

O mexicano não quer ser índio, nem espanhol e também não quer descender deles, pois acredita que ele começa nele mesmo. (PAZ, 1981, p. 95)

²⁰ Ibid. p. 93

²¹ Ibid. p. 93

²² O mesmo passa com o povo brasileiro, e para explicar melhor exemplificamos com a obra Iracema de José de Alencar, pois Iracema representa a terra brasileira, seu filho Moacir, o povo brasileiro que o conquistador teve com ela, mas como Iracema também morreu, nosso povo também foi bastante prejudicado com isso. E a história da América latina se assemelha justamente na formação do seu povo que foi miscigenado com o europeu.

transformem o sistema de suas vidas, colocando de lado as tradições mais antigas e provando a liberdade oferecida pela descoberta da vida nova.

As consequências do ingresso na nova forma de vida geram um grande desequilíbrio entre a razão na atividade humana e a visão universal das coisas. Surgindo, então, o nascimento das tensões no seio da família, quer devido ao peso das condições demográficas, econômicas e sociais ou às novas relações sociais que se estabelecem entre homens e mulheres. Resultando dessas transformações um indivíduo que ao mesmo tempo é consequência e vítima, pois foi inserido pela pressão social num mundo novo, o qual não fora preparado para atuar. E, ainda, essas transformações ocorreram muito rápido, não havendo, assim, a preparação do meio social e econômico para receber o homem simples que vivia em paz e harmonia e não tinha a preocupação com o mundo externo que se modernizava.

2.4.3 A família rulfiana e suas relações paternas e maternas

Agora, falemos da família que Rulfo criou na literatura de seus contos e do romance *Pedro Páramo*, a qual tem uma formação religiosa cristã e que foram criadas sobre o domínio social depois da Guerra dos Cristeros, uma guerra religiosa. É nesse grande momento que podemos encontrar subsídios para algumas das narrativas de Rulfo. A relação da família na figura da mãe, muitas vezes, é vista com mais amplitude como no conto *Talpa*, a Virgem é a mãe especial, ou seja, a grande salvadora para todos os males. Tanilo, personagem principal do conto mencionado,

vai a seu encontro, porque acredita que para ela tudo tem solução, nada mais que um filho que crê em sua mãe, a detentora da cura e do saber.

A família mexicana na literatura de Rulfo relata, em particular, a problemática de vida com um de seus filhos, ou seja, este filho é o motivo dos momentos difíceis da vida, segundo a realidade abordada na ficção. No caso de *Pedro Páramo*, um dos filhos regidos por ela é Miguel Páramo para a sociedade comalense.

O personagem Miguel Páramo é o grande representante de vários males que acontecem a outras famílias que vivem na região de Media Luna, mas seu pai o defende das acusações, pois seu amor está centrado apenas nesse filho. Talvez os outros filhos sejam somente biológicos e não de coração. Estes filhos são Juan Preciado, Abundio e outros mais, os quais Pedro Páramo não os reconheceu como filhos de verdade, tornando, assim a vida deles bastante difícil.

O filho problema segue nos contos, como em “No oyes ladrar los Perros”, a família aparece representada por três pessoas: o pai, a mãe e o filho. O filho é visto pelo pai como um grande problema, não conseguiu seguir o caminho do bem, fazendo com que a família toda sofresse por culpa dele que não seguiu os ensinamentos, as leis que regem uma família cristã.

O pai carrega o filho nas costas, durante a grande caminhada, até a cidade de Tonaya, que é o destino da viagem dos dois. E, no decorrer dessa viagem acontece o grande discurso de desabafo para justificar a ajuda de carregar o filho nas costas verdadeiramente. Então o pai diz que a grande razão de sua ajuda justifica-se pela mãe de Ignacio e por isso, o ajudará a chegar ao destino desejado. Mas essa mãe já havia falecido quando dava à luz a outro rebento, resultando a família de Ignacio em três pessoas apenas.

O conflito manifesta-se justamente entre o pai e o filho, pois, além de exausto, este pai expressa com suas palavras muita vergonha pelos atos que Ignácio cometeu no passado, dizendo que não quer vê-lo outra vez, depois que cheguem a Tonaya. Terminando, aqui este ciclo familiar, ou seja, abandona Ignácio, mas ao mesmo tempo cumpre com a promessa feita à mãe dele: “Me derrengaré”(p. 43). O pai de Ignácio reclama sempre e inclusive quando não tem mais a resposta dele. A ajuda foi favorável ou não? Ignácio é o grande problema da família. Para isso a religião católica diz: A sociedade juntamente com os pais deve proporcionar um ambiente para que os filhos tenham saúde física, social e se desenvolvam dentro de um nível humano, a qual todo homem tem direito.²³

Talvez a família de Ignácio não seguira o conselho religioso, ou quem sabe o meio em que viviam não lhes dava condições para isso.

No conto “La herencia de Matilde Arcángel”, o narrador do conto, outra vez é onisciente, pois o mesmo se mostra na narrativa como um homem que foi apaixonado por Matilde, e é ele que explica o grande dilema que existe entre Euremio pai e Euremio filho.

Euremio filho vive à custa de algumas pessoas que decidiram ajudá-lo, uma vez que seu pai o culpa pela morte de sua mãe que o salvou de um cavalo desgovernado. O preço foi muito caro, pois Matilde deu sua vida para salvar o filho. E isso resultou na grande cobrança do pai por este acontecimento fatídico. Matilde, a mãe é considerada uma heroína, como já foi dito salvou o filho com a própria vida.

No decorrer da história o narrador fala da sua grande admiração por Matilde, resultando, mais tarde, ele o padrinho do filho dela. Talvez a não realização concreta

²³ LOPES, D. Gilberto Pereira . **A Família:** mudança e caminhos. 3.ed. São Paulo: 1977. “O cresci e multiplicai-vos” (Gn. 1,28) não se refere só ao aspecto numérico, mas um crescimento interno e qualitativo: Homem e mulher são chamados a ser pai e mãe humano. Este chamado não separa do direito que os filhos têm a saúde física, social e a um ambiente que lhes permita desenvolver-se em nível humano.

da relação afetiva entre Matilde e ele tenha provocado o grande lamento e denúncia sobre como seguiu a vida de Euremio pai e Euremio filho, sem nenhum afeto e carinho de ambos, como se pode observar no final do conto:

Y a poco rato, vi venir a mi ahijado Euremio montado en el caballo de mi compadre Euremio Cedillo. Venia en ancas, con la mano izquierda dándole duro a su flauta, mientras que con la derecha sostenía, atravesado sobre la silla, el cuerpo de su padre muerto.

A herança que Matilde deixou realmente foi a falta de afeto que o pai teria por ele, pois para Euremio filho, apenas o amor que ele conheceu foi o da mãe que morreu por ele e para o pai, ele foi o responsável pela morte da mãe que se transformou em um problema na sua trajetória de vida.

Nesses dois contos, o ponto marcante é exatamente a morte da mãe que acaba com o objetivo materno que é o de guarda e educadora, a qual se propunha a mãe.

No conto “Es que somos muy pobres”, a narrativa baseia-se na vida de uma família muito pobre preocupada, principalmente, com o destino das filhas, o qual já foi abordado. Neste conto temos uma escala de valores definida, apesar da pobreza que a família atravessa no tempo de sua existência. Para o que aconteceu não existe mais solução. Resta decifrar a incógnita que será o futuro da irmã menor, igual ou diferente das outras irmãs.

Nessas narrativas se constata a preocupação com um único filho, como também se explica em *Pedro Páramo*. Os outros filhos, no caso do pai Pedro Páramo e as primeiras filhas do conto “Es que somos muy pobres”, seguiram outro caminho, em contrapartida a família acredita que a vida do filho escolhido terá outro caminho, na esperança de uma vida melhor.

Com relação a essas preocupações, será analisado o relacionamento familiar em separado, ou seja, com o pai e com a mãe, quanto ao relacionamento homem e mulher, o mesmo será tratado no último capítulo desta dissertação.

2.4.3.1 A relação pai e filho

Em *Pedro Páramo*, a família do protagonista que leva o mesmo nome é a descendência de Lucas Páramo que deixa a seu filho Pedro uma herança de problemas e dívidas para serem solucionadas.

A relação pai-filho, em *Pedro Páramo*, caracteriza-se pelo excesso de cumplicidade, poder e medo. Na família San Juan, se tem um exemplo claro sobre isto, a própria Suzana tem que se submeter a algumas exigências do pai, como entrar em tumbas para buscar tesouros, os quais não existem. E, ainda, a relação pai-filha, em alguns momentos, transparece aos vizinhos um relacionamento incestuoso devido à forma como Bartolomé trata Suzana.

No seguimento da família de Pedro Páramo, a relação pai-filho apresenta-se sob diferentes aspectos, no decorrer deste estudo.

A família, a qual Pedro Páramo constrói oficialmente na ficção, ele, simplesmente ignora a existência do filho, pois a mãe Dolores volta para sua região com o filho Juan. Em momento algum Pedro Páramo encontra-se preocupado com este fato. Logo, este filho é mais um dos tantos que têm em Comala não constituindo assim a responsabilidade da função de pai que ele teria.

Observa-se também neste romance uma família fora das convenções reais do mundo de Rulfo mostrada nos outros contos analisados neste estudo. Essa família se constitui formando a partir do trabalho que exerce Dorotea como a

empregada da casa como primeira função e a segunda como uma mãe de leite, mas que se dedica totalmente a Miguel Páramo, filho de Pedro, que perdeu a mãe ao nascer. O pai Pedro exercendo o seu papel e inclusive o de conivente nos atos falhos que Miguel realiza, ou seja, defendendo-o de todos e tudo o que possa prejudicá-lo.

A relação entre pai e filho nesta família é formada através de cumplicidade. O pai é consciente dos erros do filho, e não o reprime por isso, como também Dorotea, no papel de mãe, aceita uma relação de incesto sem objeções. Miguel Páramo é o filho que Pedro Páramo assumiu. O próprio romance deixa evidente que Pedro Páramo teve vários filhos, mas não os reconheceu como tais. Um outro exemplo seria Abundio que na figura de um tropeiro leva Juan Preciado até a cidade de Comala, dizendo a este que também é filho de Pedro. Tal informação sem restrição alguma, como se isso fosse normal, quer dizer, Juan Preciado é apenas mais um que não terá apoio, reconhecimento ou a proteção do pai.

Na ficção de Rulfo, a harmonia familiar não existe, pois pai e filho atravessam um conflito proposto pelo poder social na figura do próprio pai. Esse poder se concretiza na voz do pai como o dono do filho. No caso de Miguel Páramo, ele tinha apoio para suas delinquências. Com Juan Preciado, o pai apenas existiu, mas nunca o acolheu ou teve a preocupação em ajudá-lo. E com Abundio, se sabe que quando este solicitou ajuda, Pedro Páramo negou, o que conseqüentemente terminou em tragédia. Acontece em *Pedro Páramo*, o Parricídio efetuado pelo filho bastardo que nunca teve algum amparo, seja moral, social e familiar do pai.

Quanto aos contos, observa-se em “No oyes ladrar los perros”, o pai queixando-se todo o tempo e dizendo que o filho é o grande mal da família. E nem o reconhecimento do transtorno pelo filho foi capaz de apagar o sentimento, pois

Ignácio não foi capaz de dar nenhuma esperança para seu pai, como diz na frase: “No me ayudaste, ni siquiera con esta esperanza”.

Uma outra relação problemática vivida entre pai e filho apresenta-se no conto “La herencia de Matilde Arcángel.” Essa relação já foi comentada, mas ressaltaria o episódio da morte do pai que não abalou o filho em nada, Eremio filho carregava o pai como se fosse qualquer outro homem ou quem sabe um objeto, por isso não o impediu de tocar sua flauta.

Em “Paso del norte,” ocorre a solicitação de um favor ou uma ajuda para a realização da aventura que o filho quer realizar, como já foi dito antes. Mas esta acontece numa conversa onde as cobranças são muitas. A responsabilidade não se fez de exemplo para o filho, pois o mesmo reclama que cresceu só, sem a ajuda do pai e agora que ele quer tentar a sorte, o pai tem a obrigação de ajudá-lo.

Na visão de mundo do pai, o mesmo contenta-se com a vida simples, mas o filho não, pois este quer muito mais, tem a necessidade de um outro tipo de vida. E para isso, o pai tem que ouvir seu discurso e concordar com suas idéias, apoiando e dando total credibilidade. Mas é aqui que se pode ver um dos maiores conflitos entre pai e filho, onde a vontade do pai, às vezes, não convence o filho.

O filho é representado como a parte fraca do relacionamento, vive entre o sonho e a desventura, pois em nenhuma das narrativas foi visto a felicidade do filho.

2.4.3.2 A relação mãe e filho

Antes de comentar a relação mais sublime que existe na natureza, bem como, sua representação na literatura, o amor da mãe pelo filho e seu relacionamento, onde vários autores escreveram suas histórias, em particular Juan Rulfo, se faz

necessário rever como se apresenta a mulher mexicana e o que esta representa na sociedade.

Na obra de Rulfo, a mulher é vista como um ser submisso que pertence e que compõe ao regime machista, pois o homem é responsável pelas decisões e o futuro do filho, menos a personagem Suzana San Juan de *Pedro Páramo* que contraria as leis dos homens, bem como as religiosas.

No exemplo do conto “La herencia de Matilde Arcángel”, do livro “El llano en llamas”, Eremio Filho tem um destino nada promissor. Apenas o pai lhe deu o nome e o mundo se encarregou de cuidá-lo. A mãe foi somente sua genitora.

A mulher, aqui, é vista como mãe biológica. O que é permitida pela tradição patriarcal, pois sua função é a reprodutiva, criadora, isto é, a criação do filho acompanhando-o e ensinando-o sobre a sua trajetória de vida, de uma forma prazerosa. Ela está a mando do poder masculino. Mas como algumas dessas mães morreram, os pais culpam os filhos pela ausência da mãe educadora que deixa seu espaço para o pai que não quer realizar a tarefa de educador, como ocorreu nos contos comentados anteriormente.

No conto “Es que somos muy pobres”, a mãe lamenta o destino das filhas, parece não poder fazer nada para que o mesmo tenha outro fim. A mãe apenas cumpre a função de mãe educadora, pois cuida dos afazeres domésticos e cria os filhos. As decisões e o sustento partem do pai para governar a vida em família.

Nos outros contos, as mães pouco atuaram, pois não conseguiram fazer nada para modificar o futuro de seus filhos, onde a pobreza os marcou para sempre.

Em *Pedro Páramo*, as mães também têm limitações quanto ao mando e governo sobre a vida dos filhos. A única que consegue dar uma orientação para o destino do filho é Dolores que no seu leito de morte pede ao filho que vá ao encontro

de seu pai para seguir sua trajetória de vida, pensando no auxílio do pai para guiá-lo.

A mulher é vista como o fruto da sociedade que se institucionalizou na América Latina igualmente ao ameríndio que vivia aqui e não era respeitado, pois não era dotado do conhecimento para comandar ou induzir seus filhos a tomarem decisões. O poder este pertencia ao homem ou era masculino, uma vez que, o conhecimento leva ao poder Nietzsche (1844–1900).

Já para Foucault, o poder é uma força produtiva, pois une as diferentes forças da sociedade. E, ainda o mesmo se constrói através do discurso que era privilégio dos homens, uma vez que as mulheres se ocupavam com a criação dos filhos, mas o sustento vinha do pai. Sendo que isto favorecesse as mulheres a serem peças-chaves, tanto como os índios. Suas funções eram comandadas pelos homens que as oprimiam e elas se condicionavam a isso fortalecendo o poder masculino. Exercendo somente a função de reproduzir, tanto em *El Llano en Llamas*, como em *Pedro Páramo*. A vida futura dos filhos pertence ao pai que é o poder que irá governar seus destinos, bem como as decisões pela trajetória de vida dos membros da família, fortalecendo a família patriarcal que também retratou Rulfo na sua obra.

CAPÍTULO 3

AS OUTRAS FAMÍLIAS DE *PEDRO PÁRAMO*

As famílias de *Pedro Páramo* que serão estudadas neste capítulo são, as que compõem e formam os habitantes de Comala, ou seja, a sua população. Mas todas sob o domínio de Pedro Páramo, seu chefe, o responsável pelo modo de viver dos integrantes da grande família Comalense, na qual todos se conhecem e estão unidas entre si, por rancores, por inveja ou por ciúme. A relações entre eles é inevitável, pois todos se vinculam diretamente através dos problemas e dificuldades da região.

Comala é um lugar triste e sombrio, onde a vida existiu e a morte reina em absoluto dando lugar a uma espécie de Purgatório que serve para que seus habitantes transitem e contem suas histórias vivenciadas no mundo de Comala. Mesmo como se fosse um sonho que acontece e se mistura com a realidade. “[] en la atmósfera irreal la obra se funden y el después, lo terral y lo sobrehumano o

infrahumano.”(WESTHEIM, 1988, p.158).²⁴ Os personagens vivem intensamente uma história familiar na vida real e outra irreal.

La narrativa rulfiana se desplaza matizada de noticias que son el ánimo y el acontecer de una vida rural que solo depende de la voluntad del cielo. Rulfo no nada más ha calado, como observador profundo, en el alma humano, sino en la naturaleza en paisaje de sus pueblos yermos. (VALADÉS, 1988, p. 10).

As narrativas se desenvolvem através de ilusões, no íntimo, dos personagens de Rulfo, como se sabe Pedro Páramo é o senhor, dono de Comala que decide cruzar os braços deixando a população no completo abandono fazendo o tempo ficar parado, pois não há início nem fim. “De alguna manera es siempre hoy, leemos lo que está ocurriendo en ese momento, porque Rulfo ha dotado de vida a sus personajes, los ha condenado a vida eterna” (CHACÓN, 1988, p. 144).²⁵ O que acontece com os personagens Suzana San Juan, Juan Preciado, Eduviges, Donís, Ana e o padre Rentería. Talvez tenham sido despertados pela chegada de Juan Preciado a Comala e quem sabe os mesmos confiaram suas histórias, ou melhor seus segredos para dizer como eram suas vidas sob o poder de Pedro Páramo, uma vez que Juan é o narrador da primeira parte do romance.

3.1 VIOLÊNCIA FAMILIAR

A violência praticada às mulheres, mas também a crianças e aos adolescentes se caracteriza como uma violência de gênero. (SAFFIOTI, 2001, p.

²⁴ O ensaio de Mariana Frenk- Westheim : Rulfo releído y repensado. Este está inserido na obra Juan Rulfo un mosaico crítico conforme referências.

²⁵ O ensaio de Joaquín Armando Chacón: Juan Rulfo y la condena perpetua. Este também está inserido como o anterior na mesma obra.

115).²⁶ A mesma se processa pela capacidade de mando que está diretamente relacionada com o regime patriarcal que se forma a partir da força e poder que exerce sobre os membros da família, ou sejam os filhos.

Salientando as idéias de Saffioti existem dois tipos de violência familiar; a violência intrafamiliar e a violência doméstica. Na família constituída, a intrafamiliar manifesta-se quando fere aos descendentes diretos e a doméstica, quando os empregados ou pessoas que vivem com a família passam pelo processo de transtorno e incomodo por parte dos seus superiores. Um exemplo dessa violência é demonstrado por Damiana em *Pedro Páramo* que conseguia moças para Miguel Páramo. Outro exemplo, a própria Damiana narra uma noite de violência doméstica:

!Ah, qué don Pedro! – dijo Damiana – No se lo quita lo gatero. Lo que no entiende es por qué le gusta hacer las costas tan a escondidas; con habérmelo avisado, yo hubiera dicho a la Margarita que el patrón la necesita para esta noche, y él no hubiera tenido ni la molestia de levantarse de su cama.²⁷

A personagem Damiana tenta facilitar a vida de seu chefe causando o constrangimento da outra empregada. Mas depois aparece a seguinte narração:

A la noche siguiente, ella, para evitar el disgusto, dejó la puerta entornada y hasta se desnudo para que él no encontrará dificultades. Pero Pedro Páramo jamás regresó con ella.²⁸

Damiana é mais uma mulher vista pelo homem, está a seu serviço apenas. Essa é uma das grandes indagações de Elena Poniatowska, porque ele deixou Damiana esperando? Como, também pergunta sobre outra personagem que se

²⁶ Conforme Revista do Núcleo de Estudos do Gênero Pagu citado nas Referências deste.

²⁷ Daqui para frente as notas referentes a obra de FELL, Claude (Coord.) **Toda la obra Juan Rulfo**: Edición Crítica. 1. reimp. Madrid: ALLCA XX, 1997. será citada como **Toda la obra** e o número da página, no caso desta citação é p. 284.

²⁸ Ibid. p. 284.

chama Micaela do conto Anacleto Morrones. Rulfo responde com uma pergunta: “¿Porque te enojas a poço ya te hiciste feminista?” Na opinião dele, a entrevistadora parece ser feminista. (Toda la obra, p. 926)

E ao mesmo tempo percebe que é vítima e peça integrante na violência de gênero que Pedro Páramo realiza com suas empregadas, pois ele representa a força patriarcal com auxílio de Damiana. “[] é também verdade que ela constitui o caldo de cultura no qual tem lugar a violência de gênero, a argamassa que edifica desigualdades inclusive entre homens e mulheres.” (SAFFIOTI, 2001, p.133).²⁹

Quanto à violência intrafamiliar se pode tomar por base as narrativas de Suzana San Juan e a dos irmãos incestuosos:

Baja más abajo, Suzana, y encontrarás lo que te digo.
Y ella bajó y bajó en columpio, meciéndose en la profundidad, con sus pies bamboleando “en el no encuentro donde poner los pies”.
-Más abajo, Suzana. Más abajo. Dime si ves algo.
-Y cuando encuentro el apoyo allí permaneció, callada, porque se enmudeció de miedo. La lámpara circulaba y la luz pasaba de largo junto a ella. Y el grito de Allá arriba la estremecía:
-¡Dame lo que está allí, Suzana!
Y ella agarró la calavera entre sus manos y cuando la luz le dio de lleno la soltó.
-Es una calavera de muerto – dijo.
-Debes encontrar algo más junto a ella. Dame todo lo que encuentres. ³⁰

No exemplo acima, Suzana é obrigada pelo pai a fazer um trabalho para auxiliá-lo, pois sem sua ajuda não o realizaria, o que deixa claro através da alegoria que representa e a forma como o narrador relata os movimentos da personagem Suzana, o exercício da violência de gênero do tipo intrafamiliar, pois o mesmo acontece nessa relação familiar pelo domínio do pai. E talvez, porque a filha não

²⁹ Heleieth I. B. Saffioti publica um ensaio intitulado “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero” na revista Pagu, conforme bibliografia deste trabalho.

³⁰ Ibid. p. 268 – 269.

perceba o abuso e não saiba como dizer não. Faz com que ela se torne uma personagem submissa ao poder exercido pela figura do personagem pai.

Com relação aos “irmãos incestuosos” cabe ressaltar a conversa de Juan Preciado com a mulher, a irmã de Donis:

-¿Adónde fue tu marido ?
 -No es mi marido. Es mi hermano: aunque él no quiere que se sepa. ¿Qué adónde fue? De seguro a buscar un becerro cimarrón que anda por ahí desbalagado. Al menos eso me dijo.
 -¿Cuánto hace que están ustedes aquí?
 -Desde siempre. Aquí nacimos .
 -Debieron conocer a Dolores Preciado.
 -Tal vez él, Donis. Yo sé tan poco de la gente.
 -Nunca salgo. Aquí donde me ve, aquí he estado sempiternamente...Bueno, ni tan siempre. Sólo desde que él me hizo su mujer. Desde entonces me la paso encerrada, porque tengo miedo de que me vean. Él no quiere creerlo, pero ¿verdad que estoy para dar miedo? – Y se acercó a donde le daba el sol - ¡Míreme la cara!
 Era una cara común y corriente.
 -¿Qué es lo que quiere que le mire?
 -¿No me ve el pecado? No ve esas manchas moradas como jiole que me llenan de arriba abajo? Y eso es sólo por fuera; por dentro estoy hecha un mar de lodo.³¹

A violência Intrafamiliar é bastante evidente sob a interpretação da irmã que narra o seu pesar para Preciado, mas para o narrador parece normal sua expressão facial. E então ela narra sobre as manchas que tal violência marcaram seu corpo acontecendo o reconhecimento do pecado e da dor que ela sentiu, pois parece que o irmão usou de muita violência para tê-la. Mais uma vez é a mulher que sofre a violência por parte de membro da família nuclear que a compõe devido à forma social de vida dela. Ela parece não ter saída, meio para uma vida diferente da que possui, pois tudo a leva à condição de submissão e objeto da satisfação no jogo de sedução que é proposto pelo outro.

³¹ Ibid, p. .228

Por outro lado os irmãos dizem que estavam sós. Como também o arrependimento aparece, a cada instante, no diálogo da irmã com o irmão:

- ¿Qué te ha sucedido a ti?
- Aquello.
- No sé de qué hablas.
- No hablaría si no me acordara al ver a ése, rebulléndose, de lo que me sucedió a mi la primera vez que lo hiciste. Y de cómo me dolió y de lo mucho que me arrenpetí de eso.
- ¿De cuál eso?
- De cómo me sentía apenas me hiciste aquello, que aunque tu no quieras yo supe que estaba mal hecho. (Toda la Obra, p. 225)

O arrependimento existe, mas como mostra, apenas pela personagem feminina que deseja a regularização da situação vivida pelos mesmos, enquanto, a masculina não o sente e não manifesta alguma preocupação, como mostra o diálogo que ela tem com o bispo:

- Ninguno de los que todavía vivimos está en gracia de Dios. Nadie podrá alzar sus ojos al cielo sin sentirse sucios de vergüenza. Y la vergüenza no cura. Al menos eso me dijo el obispo que pasó por aquí hace algún tiempo dando confirmaciones. Yo me la puse enfrente y le confesé todo:
- Eso no se perdona – me dijo
 - Estoy avergonzada.
 - No es el remedio.
 - ¡ Cásenos usted!
 - ¡ Apártense!
 - Yo le quise decir que la vida nos había juntado, acorralándonos y puesto uno al otro. Estábamos tan solos aquí, que los únicos éramos nosotros. Y de algún modo había que poblar el pueblo. Tal vez tenga ya a quien confirmar cuando regrese.
 - Sepárense. Eso es todo lo que se puede hacer.
 - Pero ¿Cómo viviremos?
 - Como viven los hombres.
 - Y se fue, montado en su macho, la cara dura, sin mirar hacia atrás, como si hubiera dejado aquí la imagen de la perdición. Nunca ha vuelto. Y ésa es la cosa por la que esto está lleno de ánimas (Toda la Obra, p. 229)

E mais uma vez a certeza da onisciência do narrador principal é mostrada através de suas palavras:

- Acabo de saber – intervino yo – que son ustedes hermanos.
 - Lo acaba de saber? Yo lo sé mucho antes que usted. Así que mejor no intervenga. No nos gusta que se hable de nosotros.
 - Yo lo decía en un plan de entendimiento. No por otra cosa. ¿ Qué entiende usted? Ella se puso a su lado, apoyándose en sus hombros y diciendo también:
 - ¿ Nada – dije – Cada vez entiendo menos – y añadí - Quisiera volver al lugar de donde vine.
- Aprovecharé la poca luz que queda del día. (Toda la Obra, p. 230)

No conto Talpa, a narrativa mostra um caso de adultério entre irmão de Tanillo e cunhada. Tanillo, personagem principal, sofre de uma doença praticamente incurável. E ele busca a cura através de sua fé. Sendo assim, seu irmão, ele e esposa decidem fazer uma peregrinação a Talpa para se encontrar com a Virgem para obtenção da desejada cura. E no decorrer da viagem a esposa de Tanillo e o irmão do mesmo praticam o adultério. Tal situação é justificada pelos mesmos, através das circunstâncias, às quais estão submetidos, ele e a cunhada. Os dois se encontram sós, o que facilita a realização do desejo de amor, como se pode ver:

“ Luego aquellos dos calores juntos quemaban y lo hacían a uno despertar de su sueño. [] Eso hacíamos Natalia e yo aun lado del camino del Talpa , cuando llevamos Tanillo para que lo aliviara.”

Num outro momento temos a seguinte cena:

“Natalia llora por él, tal vez para que él vea, desde donde está, todo el remordimiento que lleva encima de sua alma”. (Toda la Obra, p. 52)

O exemplo de violação, melhor dizendo transgressão que acontece com os “irmãos incestuosos” e com o irmão e cunhada adúlteros é inevitável, pois a situação que os mesmos se encontram ou o acaso cria condições para que ocorra a violência familiar, sob o ponto de vista social, pois mostra a mulher nos dois casos citados agindo com passividade e cumplicidade, participando do jogo de sedução que se

forma a partir do seu próprio consentimento na figura da mulher submissa e transgressora.

3.2 O EROTISMO NA FAMÍLIA

Primeiramente cabe distinguir erotismo de sexo natural e explicar qual é a relação que existe entre eles. Surgem, também dúvidas quanto ao que vem a ser natural e o que se pode definir por social. Na família existe uma preocupação sobre o esclarecimento de uma ou de outra? São necessárias algumas explicações para responder estas questões.

Quando se fala em sexualidade, a natureza expressa sua função. Todo o animal pratica o ato sexual, pois este é a peça chave para a perpetuação da espécie.

“A sexualidade é animal, é uma função natural” (PAZ, *Convergências*, 1991, p. 75).

O homem faz sexo como os animais, quando se refere à sua parte natural, isto é, pertencente ao reino animal, mas utiliza um artifício para fortalecer e consagrar o ato sexual que se chama erotismo.

“O Erotismo é uma representação, uma cerimônia de transfiguração: os homens e as mulheres fazem amor como as águias, os pombos ou os louva-a-deus; mas nem o leão nem o louva-a-deus fazem amor como nós” (PAZ, *Ibid*, p. 75).

O ser humano através do passar dos anos, da antiguidade até a era contemporânea aprendeu que o erotismo é fantasia, o frenesi que compõem o ritual

para a prática do sexo que se transforma em amor. Logo o erotismo foi criado pelo homem como diz Octavio Paz:

“Mas exatamente é uma forma em que se manifesta o desejo” (PAZ, Ibid, p. 77). O que aproxima os amantes através do envolvimento produzido pelo desejo, que podem ser as formas do corpo e a magia representada pelo mesmo como:

Uma das cordas do erotismo – a metáfora do corpo como instrumento musical é antiqüíssima – é a transgressão. Mas a transgressão não é senão um extremo desse movimento que nos leva, partindo de nosso corpo, a imaginar outros corpos e em seguida, a buscar a encarnação dessas imagens num corpo real. Esta é a origem da cerimônia erótica, uma cerimônia que, à sua maneira, consagra a exceção. Ora, o erotismo, pelo fato de ser um ir além, é uma busca. De que ou de quem? Do outro – e de nós mesmos. O outro é o nosso duplo. O outro é o fantasma inventado pelo nosso desejo. Nosso duplo é outro, e esse outro, por ser sempre e para sempre outro nos nega: está além, jamais conseguimos possuí-lo de todo, perpetuamente alheio. (PAZ, Ibid, p. 77)

Já o amor é natural, faz parte da vida e completa a existência do ser. O homem e a mulher fazem amor como um ritual sagrado. Portanto, o sexo torna-se objeto de desejo natural com a finalidade de fortalecer o amor existente entre seus parceiros, não necessitando de artifícios para que o mesmo ocorra. Mas as sociedades evoluíram e se transformaram aprimorando, o erotismo, que de certa forma , atua como pretexto para cerimônia da realização da prática do exercício do amor entre o homem e a mulher.

“O Erotismo é social” (PAZ, Ibid, p. 80).

O mesmo faz parte das sociedades como a linguagem e o trabalho.

Nas famílias de *Pedro Páramo* como se verá a seguir na análise de fragmentos do romance, o amor se manifesta nas palavras do personagem Pedro Páramo quando ele sonha e idealiza sua paixão pela personagem Suzana San Juan:

“Pensaba en ti, Suzana, en las lomas verdes. Cuando volábamos papalotes en el época del aire” (Toda la Obra p. 188). Isto acontece como um sonho, pois ele não diz claramente à sua amada. Tal relato faz parte do imaginário do protagonista que acontece no início do romance.

Mais adiante no romance, o protagonista reclama dizendo que sempre esperou Suzana:

“Espere treinta años a que regresaras Suzana. Esperé a tenerlo todo. No solamente algo, sino todo lo que se pudiera conseguir de modo que no nos quedara ningún deseo, solo el tuyo, el deseo de ti” (Toda la Obra, p. 259).

No final do romance, Pedro Páramo, fala novamente da sua grande paixão, após a morte de Suzana, com auxílio do narrador onisciente do sentimento do protagonista:

– Suzana – dijo, luego cerro los ojos – yo te pedí que regresaras... Había una luna grande en medio del mundo. Se me perdían los ojos mirándote. Los rayos de la luna filtrándose sobre tu casa. No me cansaba de ver esa aparición que eras tú. Suave, restregada de luna; tu boca abollonada, humedecida, irisada de estrellas; tu cuerpo transparentándose en el agua de la noche. (Toda la Obra p. 303)

Já a ilusão de amor de Pedro Páramo é manifestada a outras mulheres, como exemplo o pedido de casamento feito à Dolores Preciado por intermédio de Fulgor, seu administrador: “ – Le dirás a la Lola esto y e o otro y que la quiero. Eso es importante. De cierto sedano, la quiero. Por sus ojos, ¿Sabes? Eso harás mañanas tempranito” (Toda la Obra, p. 214).

Dolores diante de tal situação mostra-se muito satisfeita com o pedido de casamento, como segue:

- Perdóneme que me ponga colorada, don Fulgor. No creí que don Pedro se fijara en mí.

- No duerme, pensando, en usted. Pero si él tiene de donde escoger. Abundan tantas muchachas bonitas en Comala. ¿ Qué dirán ellas cuando los sepan?
- Él sólo piensa en usted, Dolores de ahí en más, en nadie.
- Me hace usted que me den escalofríos, don Fulgor. Ni siquiera me lo imaginaba (Toda la Obra, p. 215).

Por Dolores, o sentimento não existe, há um desejo de realizar um negócio, pois ela era proprietária de terras. A relação que Pedro Páramo mantém com ela é apenas econômica, no sentido comercial, isto é, conseguir apoderar-se dos seus bens.

A manifestação mágica que o amor realiza apenas aparece no desejo de ter Suzana, a mulher que realmente Pedro Páramo amou.

Com Suzana San Juan existe amor e erotismo, como se vê nos fragmentos onde ela narra sua paixão e desejo pelo mar na companhia de seu amado Florencio:

Mi cuerpo se sentía a gusto sobre el calor de la arena. Tenía los ojos cerrados, los brazos abiertos, desdoblados las piernas a la brisa del mar, y el mar allí enfrente, lejano, dejando apenas restos de espuma en mis pies al subir de su marea... []

- En el mar sólo me sé bañar desnuda- le dije. Y él me siguió el primer día, desnudo.

también, fosforescente al salir del mar. No había gaviotas, solo esos pájaros que les dicen 'picos feos', que gruñen como si roncaran y que después de que sale el sol desaparecen. Él me siguió el primer día y se sintió solo, a pesar de estar yo allí.

– Es como si fueras un pico feo, uno más entre todos – me dijo – Me gustas más en las noches, cuando estamos los dos en la misma almohada, bajo las sábanas, en la oscuridad.

Y se fue (Toda la Obra, p. 273-274).

Num outro fragmento Suzana, reclama e protesta por ter perdido seu amado Florencio e dá novamente, exemplos de amor e erotismo na sua narração; quando perguntam a ela: Que tinhas dito?

¿Qué había dicho? ¿Florencio? ¿De cuál Florencio hablaba? ¿Del mio? ¡Oh!, por qué no lloré y me anegué entonces en lágrimas para enjuagar mi angustia. ¡Señor tu no existe! Te pedí tu protección para él. Qué me lo cuidaras. Eso te pedí. Pero tú te ocupas nada más de las almas. Y lo que yo quiero de él es su cuerpo. Desnudo y caliente de amor; hirviendo de deseos; estrujando el temblor de mis senos y de mis brazos. Mi cuerpo transparente suspendido del suyo. Mi cuerpo liviano sostenido y suelto a sus fuerzas. ¿qué haré ahora con mis labios sin su boca para llenarlos? ¿Qué haré de mis doloritos labios? (Toda la Obra, 279)

Como o próprio Rulfo diz: “Suzana, a mulher que não era deste mundo”. A única que Pedro Páramo amou, mas ela amava Florencio. Um amor tão forte que ela usou da loucura, ou seja, tal loucura para se proteger das armadilhas de Pedro Páramo, bem como, para preservar a fidelidade do amor que sentia por Florencio, ou quem sabe a única forma que ela encontrou para preservar seu amor eterno.

Em favor do amor ela protesta, porque não se conforma com a perda do amado, sua razão de existência. Suzana foi a mulher que viveu para o amor. A mulher, o símbolo de uma nova era, quem sabe a iniciadora do movimento feminista da ficção de Rulfo, uma vez que este autor mostrou em seus contos e no seu próprio romance mulheres submissas.

O grande amor de Suzana fez com que a sua forma de ser fosse a resposta para a inquietude e a passividade que reinava no mundo de Comala que não contrariava ao grande señor Pedro Páramo. Ela foi a única que teve coragem. Para isso usou o amor acompanhado de erotismo como um escudo de proteção contra ao que ela não acreditava.

CAPÍTULO 4

MACHISMO VERSUS FEMINISMO

Ao nascer, não importa se é do sexo feminino ou do masculino, o ser humano é apenas um nenê, desprovido de funções intituladas sexuais. Homem ou mulher são iguais, passam pelos períodos de amamentação, troca de fraldas e cuidados especiais por parte de sua mãe ou sua ama.

O pequeno ser, aos poucos, começa a descobrir o mundo e quando completa seis meses, “a criança começa a manifestar em suas mímicas, que se tornam mais verdadeiras exhibições, o de desejo de seduzir a outrem” (BEAUVOIR, 1949, p. 10). A criança tem medo de ser abandonada: “... A criança de peito vive o drama original de todo existente, que é o drama de sua relação com o outro. É na angústia que o homem sente seu abandono” (IBID, p. 10). O que concretiza a primeira perda existente na vida do ser humano.

Depois da primeira infância, a criança sofre perdas e com isso conhece novas coisas. Iniciam-se as diferenças no processo de educação do menino e da menina.

Os meninos perdem o colo e são vistos como pequenos homenzinhos. As meninas não, pois continuam a receber carinhos e atenção especial de seus pais.

Uma segunda demanda, menos brutal, mais lenta do que a primeira subtrai o corpo da mãe aos carinhos da criança; mas é principalmente aos meninos que se recusam pouco a pouco beijos e carícias; quanto à menina, continuam a acariciá-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas; vestem-na com roupas macias como beijos são indulgentes com suas lágrimas e caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos, contatos carniais e olhares complacentes protegem-na contra a angústia da solidão. Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. “Um homem não pede beijos... Um homem não se olha no espelho... Um homem não chora” dizem-lhe. Querem que ele seja “um homenzinho” é libertando-se dos adultos ele conquista o sufrágio deles. (BEAUVOIR, p.12)

Na fase da adolescência, as proibições passam a fazer parte do mundo das meninas quase moças; enquanto que para os meninos quase homens, é o começo das libertações. O menino descobre as funções sexuais de seu corpo para o casamento.

No rapaz, os impulsos eróticos só confirmam o orgulho que tira de seu corpo: nele ele descobre o sinal de sua transcendência, e de seu poder. A moça pode conseguir assumir seus desejos mas eles permanecem o mais das vezes vergonhosas. Seu corpo inteiro é aceito com embaraço” (IBID, p. 70).

Na fase adulta, os papéis tomam seus lugares oficiais, segundo as leis da sociedade na qual regulam a vida do homem e da mulher com relação ao futuro dos mesmos. Instala-se o machismo ou o mando através do homem. A figura masculina sustenta a casa e a feminina cuida da casa e dos filhos. Portanto, esta última sujeita à condição de submissão. Acontecendo a superioridade masculina que, poda o brilho, o sentimento das idéias e ações femininas vistas na literatura das grandes narrativas que aborda o mundo em favor dos desejos do homem que guia o destino da mulher.

Para se afastar dessa submissão algumas mulheres buscaram alternativas que serviram de escape, para fugir do machismo dominante.

Um dos exemplos característicos da história do México é Sor Juana, “la monja” que utilizou o convento para desenvolver seus conhecimentos e escrever suas páginas na literatura até então, na América Latina, de domínio masculino. Sor Juana escrevia seus versos como a iniciadora de uma nova era para as mulheres mexicanas, pois protestava contra as injustiças, e falava de assuntos proibidos pela igreja e pela sociedade do séc. XVII.

Lo que da significación al mundo de Sor Juana, la redención del mundo profano gracias a la divinidad. Y, así como el cuerpo de la condesa Paredes representa el cuerpo político, la religión también encuentra su representación más elevada en la Virgen María. Al promover la doutrina de la inmaculada Concepción, que apenas adquirió la calidad de el dogma en el siglo XIX, Sor Juana forma parte de inmenso mar de fondo de creencia católica... (FRANCO, 1994, p. 85)

Como na época já havia indícios de uma nova mulher, e como provocaria conflitos nas famílias, ela precisava de ferramentas próprias ou artimanhas para expressar seus pensamentos e suas crenças. Uma das saídas para isso era a vida religiosa, como foi para ela a forma de protestar e ser audaciosa em seus poemas. Era a forma pra estudar e aprofundar o conhecimento que pertencia somente aos homens, uma vez que as mulheres estudavam muito pouco. Apesar disso, passados alguns séculos a mulher seguiu sua trajetória com ensinamentos de ser a dona de sua casa e cuidar dos filhos.

No século XIX, alguns intelectuais preocuparam-se com a mulher e através de calendários colocaram poemas, modas, contos românticos para ela, mas, ainda, as revistas fortaleciam a importância da mulher como mãe, esposa e responsável pelos deveres religiosos e morais (FRANCO, p. 126).

A mulher deve constituir família através do casamento e sua função maior é cuidar dos integrantes da mesma.

Esta responsabilidade perdurou por muito tempo até a mulher perceber que podia se emancipar e lutar politicamente, ou seja, através de suas idéias ou manifestos que contrariavam, começando a germinar as sementes feministas ainda no século XIX com o propósito de mudar o mundo governado pelos homens.

Onde o intelecto, os estudos aprofundados faziam parte do mundo do homem, mas ela percebeu que poderia fazer parte do mundo intelectual, bem como do profissional que seriam os pivôs dos novos conflitos na família e na sociedade.

A literatura diante de tais transformações registrou conflitos vividos pela mulher com relação ao homem e ao estado, porque a sociedade presenciava o nascimento de uma nova mulher. A mulher do século XX desejava liberdade e igualdade de direito. Em contrapartida, os homens detinham o poder ou machismo que delimitavam as funções da mulher na vida em sociedade no início desse século.

Para eles, a mulher uma vez inserida num casamento e constituída sua família torna-se garantia da existência de uma infra-estrutura (PRADO, 1985 p. 24-25).

A família servia também de válvula de segurança das revoltas e conflitos sociais. O homem conhecia e adquiria mais consciência política devido ao seu trabalho que era externo e a mulher conhecia melhor as necessidades da casa e de seus filhos, pois seu trabalho era interno, ou melhor, no lar.

Portanto para manter o equilíbrio da célula familiar, ela servira de contenção para as revoltas dele e com freqüência era o refúgio para suas frustrações, angústias, e conflitos existentes no mundo exterior ao lar.

Ao estado, ela, a mulher servia para canalizar todas as energias individuais ou coletivas para a esfera doméstica, desviando-as da contestação e das reivindicações sociais (PRADO, 1985).

Estabelecendo esta idéia, “Na família, o homem é o burguês e a mulher o proletário” (ENGELS, 1884, p. 80). O que mantém a posição machista de alguns homens.

No romance *Pedro Páramo*, o machismo encontra-se bastante forte nas ações e decisões realizadas pelo protagonista da história como se verá a seguir.

4.1 OS HOMENS DE *PEDRO PÁRAMO*

“Os servos fiéis serão sempre servos e os homens bons serão sempre pobres”.

Maquiavel

O enfoque, aqui, será dado aos personagens masculinos do romance *Pedro Páramo*. Começando pelo personagem principal, o cacique ou chefe como os críticos literários denominam.

Pedro Páramo, o senhor dono de tudo e de todos. O responsável pelo destino de Comala e dos homens também. Representa o poder econômico e o governante na região. Tendo fiéis empregados homens como Fulgor Sedano que segue as ordens propostas para que os planos de Páramo se realizem, uma delas já citada antes, o pedido de casamento a Dolores Preciado, pois se apoderaria dos bens dela.

É ele que avisa a Pedro Páramo sobre os problemas e conflitos que seu patrão poderá ter com o filho Miguel e a mulher amada Suzana:

“ – Patrón, ¿sabe quién anda por aquí?

- ¿Quién?

- Bartolomé San Juan” (Toda la obra, p. 258 – 259).

O exemplo claro de fidelidade ao patrão, mas aponta dúvidas quanto o relacionamento de Suzana com o pai. Alerta, também seu patrão de problemas futuros com relação a Miguel Páramo:

“ - ¿Pero de dónde llegas, Miguel?

- De por ahí de visitar madres... []

- Miguel le dará muchas dolores la cabeza, don Pedro. Le gusta la pendencia” (Toda la obra, p. 240 – 241).

Fulgor Sedano caracteriza-se pelo conhecimento da experiência de vida, mas é submisso ao trabalho e exigências que lhe faz Pedro Páramo.

Outro tipo de submissão se pode observar em Gerardo Trujillo, o advogado de Pedro Páramo:

¿- Dónde quiere que le deje los papeles?

- No los dejes. llévatelos. []

- Agradezo su confianza, don Pedro. []

- ¿Con papeles o sin ellos me puede discutir la propiedad de lo que tengo?
[]

- Nadie, con su permiso (Toda la obra, p. 280 –281)

O advogado pensava que depois de servir tanto a Pedro Páramo e de ajudar a don Lucas e a Miguel Páramo poderia libertar-se e receber uma recompensa pelo seu trabalho durante vários anos. Fortalecia uma relação de cumplicidade pelos atos de Pedro Páramo e seus familiares. O que fez o advogado pedir uma verba referente aos seus honorários como:

- Desearía también... Los gastos... El traslado... Um mínimo adelantado de honorarios []

- [] ¿Y si fueran cinco?

- ¿Cinco qué? ¿Cinco mil pesos? No los tengo. Tú bien sabes que todo está invertido. [] Llévate mil. No creo que necesitas mas” (Toda la Obra, p. 282).

Depois disso, o advogado medita e reflete sobre seus assuntos com o senhor patrão: “Se acordaba de don Lucas, que siempre le quedó a deber su honorários. De don Pedro, que hizo cuenta nueva. De Miguel su hijo” (Toda la obra, p. 282).

Tanto trabalho sem retorno econômico. Se sabia ou não disso, lamentável, pois sua mulher havia advertido-o anteriormente. “- Tedrás que trabajar muy duro allá para levantar cabeza. De aquí no sacarás nada. – Por que ló dices? – Yo sé” (Toda la Obra, p. 281).

Confirma-se o exemplo de submissão legal, ou das leis, com relação aos serviços prestados pelo advogado e o grande conflito entre o poder político e o judiciário.³²

Na religião se pode falar de um homem chamado Rentería, padre Rentería. O que sabia tudo ou quase tudo. Além das funções a serviço da religião, ele [] quando soube do suicídio de Eduviges que era na sua opinião uma pessoa boa e ajudava aos outros. Cuidava de uma sobrinha que era órfã e que sofrera abuso sexual de Miguel Páramo, o padre pergunta a sobrinha: “- ¿Entonces como supiste que era Miguel Páramo? – Porque él me lo dijo. – Soy Miguel Páramo, Ana. – No te asustes” (IBID, p. 203).

Rentería é o conhecedor de tal falta e também de outras transgressões praticadas por Miguel Páramo e por Pedro Páramo, sabe que este filho de Páramo era uma erva daninha que crescia e fazia mal às moças das famílias de Comala. O que lhe atormentava muito, como as frases que ele escutava:

“Me acuso padre que ayer dormí com Pedro Páramo. Me acuso, padre que tuve un hijo de Pedro Páramo”, “De que le presté mi hija a Pedro Páramo”, e outras frases ele dizia: [] “He tracionado a aquellos que me quieren y que me han dado su

³² O poder político aqui é representado por Pedro Páramo e o judiciário pelo advogado.

fé y me buscan para que yo interceda por ellos para con Dios. Pero que han logrado con su fé. [], ella se fue por ese dolor” (IBID, p. 207).

Ele próprio dá-se conta que todos os projetos bons que Eduviges fez não serviam para salvá-la: “Ella sirvió siempre a sus semejantes. Les dio todo lo que tuvo. [] – Pero ella se suicidó”.

E isso fez com que ele se culpasse da vida difícil que levavam seus fiéis. Ele representava o pai espiritual de Comala e por isso não poderia deixar seus filhos. Ao contrário, Pedro Páramo, o pai carnal, não mantinha preocupação com seus filhos.

Isso tudo tirava o sono do Padre Rentería, porque não podia auxiliar aos seus filhos ou fiéis, uma vez que ele representa o pai espiritual, responsável pelas pessoas com relação à condução de suas fés. O que, resultava muito, mas às vezes pouco. Como no caso de Eduviges, era necessário mais que rezar, mas isto custava dinheiro, segundo Rentería.

O dinheiro era assunto de Pedro Páramo, o pai “carnal”, ao contrário de Rentería, não mantinha uma preocupação com seus filhos.

“-Digo talvez, si acaso, con las missas gregorianas -; pero eso necesitamos pedir ayuda, mandar traer sacerdote. Y eso cuesta dinero” (Toda la Obra, p. 208).

Pedro Páramo é o centro de tudo, o personagem chave do romance que incorpora a tragédia causando vários conflitos aos seis filhos através do seu poder.

O poder que ele tem faz com que governe tudo a sua volta e se vingue de todos, porque não pode desfrutar do amor de Suzana em nenhum momento, mesmo que seja depois da morte. Nas palavras dele: “Me cruzaré de brazos y Comala se morirá de hambre. Y así lo hizo” (Toda la Obra, p. 296).

4.2 HOMENS DE RELAÇÕES AVESSAS³³

A propósito, o título nomeia aqui, os homens que não seguem suas vidas de acordo com os padrões sociais com a sexualidade de seus descendentes. Eles transgridem diretamente contra seu semelhante que, em parte, é um pouco de seu sangue. Causam danos aos elementos de sua família. O avesso do normal que não é respeitado pela sociedade.

Este avesso acontece, também, nas páginas da literatura de Rulfo, o desrespeito ao outro.

Os homens em questão são Bartolomé San Juan e Donís que vivem relações avessas. – Sobre Donís foi mostrado tal relação no tópico violência familiar anteriormente.

Já com Bartolomé cabe explicar mais, pois nesse caso o imaginário e a interpretação do leitor podem dizer.

O incesto se manifesta “a priori” no fragmento: “-Sí el y su mujer. ¿Pero como lo sabe? – ¿No será su hija? (Toda la Obra, p. 259).

Nesse caso, diria que o autor pede auxílio do leitor para provocar sua participação neste problema familiar. Uma vez que este fragmento narra o diálogo de Fulgor Sedano com Pedro Páramo.

A mentira ou verdade sobre a incógnita do incesto permanece no decorrer da história, através dos diálogos de Suzana com o seu pai e com o padre Rentería.

Em contrapartida, o caso de Donís, a cena referente ao incesto aparece claramente nos diálogos dos irmãos e na lamentação da irmã feita a Juan Preciado no capítulo anterior.

³³ O título foi dado “Homens de relações avessas”, porque se trata de um trabalho de pesquisa referente a literatura. O que me fez pensar nesse título diferente.

Como se vê os homens de *Pedro Páramo* podem ser classificados em inconseqüentes, fiéis, sacar e transgressores nas suas ações, conforme desenvolvidas e realizadas juntamente com seus semelhantes nos conflitos familiares vivenciados no romance.

4.3 A MULHER EM *PEDRO PÁRAMO*

As mulheres no romance vivem sob a mira machista referente ao contexto histórico vivido no México depois de revoltas políticas internas e externas.³⁴

Na maioria das vezes, ela é a expressão da simplicidade em todos os aspectos. Vive na pobreza. A pobreza dela caracteriza-se por uma extremada simplicidade que reina sua vida e sua espiritualidade. Não tendo a opção de mudança de vida.

Na percepção de Rulfo, ela nunca tem um destino feliz. O que inquieta a estudiosa Elena Poniatowska numa entrevista com Rulfo:

“Es que tú tratas mal a las mujeres, Juan, ninguna de ellas funciona realmente; todas son encarnaciones de alguna debilidad humana, estériles como Dorotea y chismosas como Eduviges []”.

Nos contos como em “La herencia de Matilde Arcángel”, a personagem Matilde vive muito pouco, pois morre por seu filho, sendo a única alternativa que ela

³⁴ A vida mexicana em 1944 encontrava-se com sérios problemas econômicos e sociais, pois havia muita prostituição e vício, devido à pobreza e à falta de uma política social que solucionasse tais problemas. Nessa mesma época surge uma campanha para proteger a moral, segundo os costumes externos de outros povos, e também começava o uso de antibióticos para combater as doenças venéreas. Surge uma campanha em favor da moral, segundo o regime Ávila Camacho, onde a figura máxima era a mãe: “Muy mujer era la dócil, tierna, callada, sufrida, dedicada a tener. Y a criar hijos y a atender su casa. E se era el modelo que mostraba las películas en que la figura central era el macho, por esos años a cargo de Jorge Negrete”. MENA, Sergio Lopes. **Los caminos de la creación en Juan Rulfo**. 1.ed. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1993. p. 16

tem para salvá-lo. Em “Es que somos muy pobres”, a única saída para a vida da filha menor que era o dote, o mesmo se perde devido a uma catástrofe.

Mas é em *Pedro Páramo* que Rulfo reúne todas as debilidades e faltas, melhor, pobreza que suas mulheres estão dispostas e regidas sob a submissão de inferioridade ao macho que governa totalmente.

4.4 MULHERES SUBMISSAS OU DEGRADADAS

No caso de Damiana Cisneros, Poniatowska dá uma atenção especial, porque pergunta a Rulfo o porquê de deixá-la esperando toda a vida. Como também falei no tópico violência familiar. A escrava e amante com outro final triste, o esperar e não conseguir ter realizações na sua vida. Ela, apenas serviu como empregada dos serviços da casa como também dos sexuais ao patrão Pedro Páramo.

“¡- Y luego lo que haces con Daminana!

[] ¿- Qué hago yo?

- La pones allí a esperar toda la vida a que regrese Pedro Páramo” (Toda la Obra, p. 526).

O ponto favorável da vida de Damiana, talvez tenha sido apenas cuidar de dois filhos de Pedro Páramo, Juan Preciado e Miguel Páramo, serviu como “ama de cria” para os dois, como se segue: “El muchachito se retorció, pequeño como era, []. ¡- Damiana! Encargáte de esa cosa. Es mi hijo” (Toda la Obra, p. 247) (Miguel Páramo).

Damiana viveu para servir.

Outra mulher triste e degradada vê-se na personagem Dorotea. Seu desejo maior era um filho, sonhava com bebês. Vive à procura dele sem encontrá-lo.

“Ha de ser a Dorotea, *la cuarraca*. Es la unica que le gustan los bebés. [] Es una que trae un molote en su rebozo y lo arrulla diciendo que es su crío” (Toda la Obra, p. 240).

Ela também é religiosa e pede para ser perdoada por seus pecados confessa ao Padre:

“- Ya que no puedo causarle ningún perjuicio, le diré que era yo la que le conseguía muchachas al defunto Miguelito Páramo”

A resposta ao perdão dá-se da seguinte forma “¿Cuántas veces viniste aqui a pedirme que te mandara al cielo cuando murieras? Querias ver si allá encontrabas a tu hijo, no, Dorotea? Pues bien, no podrás ir ya más al cielo. Pero que Dios te perdone” (Toda la Obra, p. 243).

Depois de sua morte, Dorotea adquire consciência de seus atos lembrando que foi palhaça, mendiga e alcoviteira. E quem sabe se valeu a pena ter nascido.

Uma grande declaração acontece quando Juan Preciado, o narrador da primeira parte do romance, pergunta a ela:

- ¿Y tu alma? ¿Dónde crees que haya ido?
 - Debe andar vagando por la tierra como tantas otras; buscando vivos que recen por ella. Tal vez me odie por el mal trato que le di; pero iso ya no me preocupa. He descansado del vicio de sus remordimientos. Me amargaraba hasta lo poco que comía, y me hacía insoportables las noches llenándomelas de pensamientos intranquillos con figuras de condenados y cosas de ésas. Cuando me senté a morir, ella me rogó que me levantara y que siguiera arrastando la vida como si esperaba todavía algún milagro que me limpiara de culpas. Ni siqueira hice el intento: “Aquí se acaba el camino – le dije – ya no me quedan fuerzas para más.” Y abrí la boca para que se fuera (Toda la Obra, p. 243).

Ao contrário de Eduviges que se mata, Dorotea deixa-se morrer.

Tanto Damiana como Dorotea e Eduvigis fazem-se exemplos vivos de submissão na ficção de Rulfo.

4.4 MULHERES VIRTUOSAS

A virtude nas mulheres que Rulfo apresenta na sua literatura parece não existir. Elas sempre são tristes e submissas. São moças humildes, donas de casa e empregadas domésticas, apenas vivem para servir ao homem macho pra cuidar das coisas dele.

No entanto, existe uma que revoluciona toda esta servidão e desafia a autoridade machista patronal que Pedro Páramo representa às mulheres de Comala. Ela se chama Suzana San Juan. A mulher que Rulfo mostra de forma diferente das outras. A que não tem medo e possui objetivos definidos na sua vida.

A única mulher que desafia o poder do Chefe de Comala, casa-se com ele, mas não faz amor. O coração dela pertence a Florencio, o homem de sua vida. O único que ela faz amor de verdade e inclusive quando está sob o efeito de seus delírios, mostrado no tópico: o erotismo na família.

Pedro Páramo aposta em conquistá-la, porque ele esperou ter tudo para realizar seu grande sonho. Enganou-se, isto não foi o bastante para conquistá-la. Não satisfeito tenta outra vez, mata o pai de Suzana, o qual ele sente ciúmes, e pensa que ela órfã, agora totalmente, pois perdera sua mãe quando adolescente. Ela só tinha a Justina, uma espécie de empregada, para cuidar dela. Isto seria um motivo para uma nova investida de Pedro Páramo que crê que ela se entregará a seus braços para obter total proteção.

Em contrapartida, acontece o contrário. Suzana entrega-se à loucura, não dando oportunidade para Pedro mostrar seu amor ou penetrar no seu mundo. Nas palavras do narrador, como segue:

Él creía conorcela. Y aun cuando no hubiera sido así, ¿acaso no era suficiente saber que era la criatura más querida por él sobre la tierra? Y que además, y esto era lo más importante, le serviría para irse de la vida alumbrándose con aquella imagen que borraría todos los demás recuerdos. ¿Pero cuál era el mundo de Suzana San Juan? Ésa fue una de las cosas que Pedro Páramo nunca llegó a saber (Toda la Obra, p. 273).

O mundo de Suzana era o mais importante para Pedro Páramo, o seu grande amor. Era a única frustração que o chefe de Comala tinha, porque estava acostumado a conseguir tudo, mesmo que por interesse ou maldade, como foi no caso do casamento com Dolores Preciado. Como se vê: “La resistencia del otro, del unico ser que Pedro Páramo no ha logrado hacer suyo, corrompe todo o el poder del cacique, []”³⁵

Por outro lado, Suzana não diz não somente a Pedro Páramo, mas ao padre Rentería que a visita várias vezes durante a sua enfermidade e presencia vários delírios que tem ao lembrar do seu grande amor Florêncio. São cenas de amor e erotismo que escandalizam a religiosidade do padre que deseja dar-lhe a comunhão, como segue:

“-Te voy a dar la comunión, hija mía”. Esperó que Pedro Páramo la levantara recostándola contra el respaldo de la cama. Suzana San Juan, semidormida, estiró la lengua Y se tragó la hóstia. Después dijo: “Hemos pasado um rato muy feliz, Florencio”. Y se volvió a hundir entre la sepultura de sus sabanas (Toda la Obra, p. 289).

³⁵ A frase dita aqui pertence a José de la Colina que escreveu “Suzana San Juan. El mito femenino en Pedro Páramo” publicada na Revista Universal de México, n. 8, 1965. Que mais tarde foi publicado na obra *Revisión Crítica*, conforme consta nas Referências deste trabalho.

O não se refere à religião, ao poder espiritual do pai que representa o padre na religião católica. Suzana dentro de sua loucura era independente, acreditava no que lhe era conveniente como o seu amor por Florencio. “La religión de Suzana es el amor que siente por Florencio. Por ello niega a Dios”.³⁶

A manifestação de uma grande paixão que não se acabara. Tanto na vida como na morte, ela nunca esqueceu do seu grande amor, como também da certeza das coisas em que ela acreditava. A mulher independente mesmo que para isso precisou ficar louca para ser a vencedora da competição entre machismo versus feminismo na ficção.

³⁶ Celene Garcia Ávila escreveu o ensaio “Los principios masculino y femenino en Pedro Páramo” que foi publicado no livro *Revisión Crítica*, conforme consta nas Referências deste trabalho.

CONCLUSÃO

A família foi o grande palco das cenas vivenciadas pelos elementos da mesma, onde aconteceram os conflitos entre pais e filhos, bem como entre “chefe” e empregado”, considerando os representantes do povo filhos e do estado pai, significando poder.

As razões, às quais causaram os conflitos estiveram diretamente relacionadas ao poder econômico associado ao regime machista existente nos contos e no romance de Rulfo.

Os filhos tanto dos contos como os do romance, viveram sob o signo da pobreza acompanhados pela falta de oportunidades para a transferência para uma vida melhor.

Nos contos “Es que somos muy pobres”, y “Paso Del norte” a busca pelo futuro não foi obtido. Sendo no primeiro, a catástrofe foi a responsável pela perda da oportunidade para uma vida melhor para a filha mais jovem. No segundo, o filho tentou uma outra alternativa de vida e não teve êxito. Portanto, estes dois filhos foram vítimas da pobreza que acompanhou suas vidas e a falta de oportunidades que pudessem reverter tal quadro.

Nos outros dois contos a falta da mãe foi a grande causa para o conflito gerado entre pai e filho. No conto “La herencia de Matilde Arcángel, o pai não faz nada para criar o filho, pois para este, o filho era o culpado pela morte da mãe. O contrário se viu em “No oyes ladrar los perros”, o pai disse que ajudou o filho, porque a mãe do mesmo pediu, não importando se este merecesse ou não.

Nas famílias de “Pedro Páramo” se observou que o protagonista é o “chefe” que representa o poder e faz disso a sua vontade, a lei que governa a população de Comala. Oprimindo os homens e as mulheres e não cuidando ou preocupando-se com o futuro dos seus filhos. O que resultou numa tragédia na vida de um de seus filhos. Abundio encontrando-se perdido e sob o efeito da embriagues prática o parricídio. Enquanto Juan Preciado morre ouvindo os “murmillos”, tentando buscar o pai que ele não conheceu, o qual sua mãe lhe disse que o ajudaria. E Miguel Páramo, o único que morre e Pedro Páramo sente, pois era a sua semelhança nos aspectos que transgrediam às leis de convívio dos homens de Comala.

A região de Comala mostrou a vida de seus filhos e os contratempos vividos pelos mesmos, como também, na morte buscou explicações para os conflitos resultantes dos mesmos. A terra das mulheres submissas e fragilizadas pelo regime avassalador machista que as oprimiu e não as deixou livre para pensar e optar por suas vidas.

Por outro lado, surge a exceção, Suzana San Juan, a mulher que não teve medo e não deixou que a oprimissem. A mulher que amou verdadeiramente, usou do erotismo sem pudor algum. Foi a filha que contestou ao pai e disse não às investidas de Pedro Páramo, mesmo que para isso tivesse que incorporar a loucura, ela o fez. Esta foi a grande resposta à opressão de todas as mulheres de Comala.

Suzana, a luz de uma nova era para o mundo dos homens, pois ela fez parte deste também, participando das decisões e sendo feminina e romântica como foi.

Mas, se não fosse pela grandiosa forma que Rulfo escreveu suas narrativas não seria possível esta interpretação desta dissertação. A mesma se concretizou, porque estamos diante de uma obra genial, em que o próprio autor disse que o leitor pode participar dando sua opinião como foi realizado nesta.

Dessa forma, não pretendo chocar aos críticos, o que tentei mostrar foi que o futuro dos filhos, a criação de novos conceitos e novos movimentos é o resultado dos conflitos vivenciados na família.

REFERÊNCIAS

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. **Religión y ficción en la narrativa de Juan**. Tese (Doutorado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores)

ARRIGUCCI Jr. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V. 2. A experiência vivida. Tradução de: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduerm, 2003.

BOOTH, W. **The Rhetoric of Fiction** 2nd ed. The University of Chigago Press, 1983.

CANDIDO, Antônio. **Revista Brasileira de Literatura Comparada** 6., Belo Horizonte: ABRALIC, 2002.

CASEY, James. **A historia da Família**. 1. ed. Tradução de: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1992.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

DURAN, Manuel. **La obra de Juan Rulfo vista através de Merea Eliade**. Inti 13. 14 (Primavera – Otoño 1981).

ECO, Umberto. **Seis Paseos pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução de: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala.

FELL, Claude (Coord.) **Toda la Obra Juan Rulfo** : Edición Crítica. 1.reimp. Madrid: ALLCA XX, 1997. (Colección Archivos, v. 17)

FERGUSON, Francis. **Evolução e Sentido do Teatro**. Tradução de Heloisa de Holanda G. Ferreira. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

FOLLIER, Joseph. **O povo e a cultura**. Tradução de: Luís Cláudio de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1965.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. São Paulo, 1998.

FRANCO, Jean. **Las conspiradoras**: la representación de la mujer en México. Tradução de Mercedes Córdoba. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

FUENTES, Carlos. **La Nueva Novela Hispanoamericana**. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1980.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética – Poesia**. Lisboa: Guimarães, 1980.

JOSEF, Bella. **Romance Hispano-Americano**. São Paulo: Ática, 1986.

JUAN Rulfo: un mosaico crítico. 1. ed. **Universidad Nacional Autónoma de México**. México: Universidad de Guadalajara e Instituto Nacional de Bellas Artes, 1988.

KEESING, Felix. **Antropologia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972. Tradução de: José Veiga.

LENTRICHIA, F.; MCLAUGHLIN, T. **Critical tierms for literaty study**. Chicago: The University of chicago Press, 1955

LEWIS, Oscar. **Los Hijos de Sanches**. México: D. F., 1971.

LIMA, Luis Costa. **Agarrás do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1899.

LOPES, Gilberto Pereira. A família Mudança e Caminho. **Estudos da CNBB**, 3. ed. São Paulo, 1977.

LUBBOCK, P. **A Técnica da Ficção**. Tradução de Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976.

LLOSA, Mario Vargas. **Cartas a um novelista**. Barcelona: Ariel, 1997.

MENDONZA, Pilar Gonzáles de. **Diccionario de Temas de Literatura Española**. Madrid: Ediciones Istmo, 1990.

MENA, Sergio López. **Los caminos de Creación em Juan Rulfo**. 1. ed. México: Universidad Nacional de México, 1993.

_____. **Revisión Crítica de la obra de Juan Rulfo**: Selección y Edición. 1. ed. México: Práxis, 1998.

MORAES, MARIA LYGIA Q. (org.) **Revista do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu** – Cadernos Pagu. Campinas: UNICAMP, n. 16, 2001.

NIETZCHE, Friedrich. **Vontade de Potência** – Parte 1. Tradução: Mário D. Ferreira Santos. São Paulo: Escala.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAZ, Octavio. **El labirinto de la soledad. Postdata. Vuelta a El labirinto de la soledad**. 5. ed. México, 1998.

_____. **Convergências**: ensaios sobre arte e literatura. Tradução de: Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Roço, 1991.

_____. **A dupla chama: Amor e Erotismo.** Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

REIS, A.C.; LOPES, M. **Dicionário de Teoria da Narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance.** Tradução Angela Bergamini; et al. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Seleção Leitura e Crítica).

ROJAS, Alida Piñón. **Dimensión universal de “Pedro Páramo”.** Disponível em: [http:// www.lanacion.com.ar/670656](http://www.lanacion.com.ar/670656)

ROSSI, Ângelo Cardeal. **O novo catecismo: a fé para adultos.** São Paulo: Loyola, 1975.

RULFO, J. **La ficción de la memoria.** Federico Campbell (Coord.) SELECCIÓN Y PRÓLOGO. México, 2003.

RULFO, JUAN. **El llano en llamas.** 12. ed. Madrid, 2000.

RUFFINELLI **Antologia Personal.** 5. ed. México: D.F, 2000.

SANGUIER, Bareiro Rubén. **América Latina, Jorge en su literatura.** México, [19-?]

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura.** 5. ed. Coimbra: Livraria Coimbra, 1983.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da Poética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** Tradução de: Maria Clara Correa. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ANEXOS

ANEXO A – FOTO DE JUAN RULFO



A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Rulfo". The signature is stylized with a large, circular flourish around the first part of the name.

ANEXO B - DIMENSIÓN UNIVERSAL DE “PEDRO PÁRAMO”

A 50 años de la aparición del libro. La dimensión universal de “Pedro Páramo”. Según Carlos Fuentes, la de Juan Rulfo es la mejor novela escrita en México. Recuerda que cuando fue editada, en 1955, tuvo una recepción negativa por gran parte de la crítica. Evoca a su autor como un hombre de una enorme cultura literaria MEXICO (EFE).

“Pedro Páramo es la mejor novela que se haya escrito jamás en México, no es una novela mexicana, es hispanoamericana, es una gran novela de la lengua española y es universal”, dijo Fuentes en una entrevista a propósito del medio siglo de existencia que “Pedro Páramo” cumple este año. La obra se editó por primera vez en marzo de 1955. “Hubo muchas malas interpretaciones de la novela en aquel momento, ataques bastante severos; la novela no fue bien comprendida. Fue un pequeño grupo de personas quienes vimos de verdad el extraordinario valor de la obra y así lo proclamamos, preparamos el camino para la traducción, entre otras cosas”, dijo.

Para Fuentes, la novela de Rulfo “queda como una obra insuperable de la novelística mexicana, desde luego, no hay otra novela nuestra que se compare a la belleza, la profundidad, la emoción y la sabiduría literaria de “Pedro Páramo”. Según Fuentes, la reconocida escritora y traductora mexicana Mariana Frenk “fue una de las primeras que hizo una gran defensa del libro y lo promovió internacionalmente. Yo también colaboré a hacerlo al escribir una crítica en una revista francesa literaria”, dijo el escritor, premio Príncipe de Asturias de 1994 y Cervantes de 1987.

El texto más importante

No obstante, para Fuentes fue el escritor Carlos Blanco Aguiganaga quien escribió el texto más importante en 1955. “Blanco Aguiganaga escribió un ensayo de cuarenta páginas exhaustivo y brillantísimo, para mí fue el ensayo de recepción más importante que se escribió”, agregó. Recordó que a Rulfo no le importaban las críticas, pues “transcendía todas las cosas menudas, iba mucho más allá de eso. Era un hombre muy callado, muy ensimismado, muy consciente de su propio valor y no tenía que proclamarlo. Siempre corrió una especie de falso mito de un Rulfo rural, casi pétreo, pero eso no era cierto; él tenía una de las culturas literarias más grandes que yo he conocido. Por ejemplo, alguno dijeron que “Pedro Páramo” tenía influencias de Faulkner y él siempre me dijo: “La influencia es de la literatura islandesa, viene de la novela? Gente independiente, de Halldor Laxness, entre otras novelas de este autor islandés”, señaló. Fuentes comentó que tuvo la oportunidad de participar en las sesiones que se organizaban en el Centro Mexicano de Escritores para discutir sobre la obra de Rulfo. “Cuando lo leí por primera vez me fascinó, me resultó una lectura verdaderamente conmovedora y sentí que estaba leyendo una obra maestra, algo insólito en la literatura en lengua española”, señaló. “El tenía una cultura literaria sumamente vasta, era impresionante sentarse con Rulfo y descubrir todo lo que había leído, y descubrir a través de él, la literatura poco conocida en América Latina, como es la de los países escandinavos”, dijo.

Fuentes considera que después de Rulfo es imposible escribir una novela sobre la revolución mexicana, y comparó a “Pedro Páramo” con “un árbol seco” del cual penden “manzanas de

oro”. “Hoy existe una consagración unánime de la obra en todo el mundo, de manera que sería vergonzoso que saliera alguien a criticar a “Pedro Páramo”, como se hizo entonces, cuando decían que no había trama, ni personajes, que no era una novela, sino un poema lírico, y que no se entendían los tiempos; en fin, se le echaron encima todas las frutas imaginables”, concluyó.

Alida Piñón Rojas

Link corto: <http://www.lanacion.com.ar/670656>

**ERNESTO GONZALEZ BERMEJO, SYLVIA FUENTES Y ERNESTO
PARRA ENTREVISTAN A JUAN RULFO**

Pasados los primeros años posteriores a la publicación de su obra, Rulfo se convirtió en un personaje de la cultura mexicana e hispanoamericana. Se sucedieron artículos, tesis, reportajes y entrevistas acerca de su vida y de su obra. Precisamente, los entrevistadores abundaron hasta cansarlo. Rulfo es uno de los escritores que más entrevistas han concedido. No todas las entrevistas rindieron el mejor fruto en el conocimiento de las entretelas de su producción, pero seguramente las hubo excepcionales, como las que aquí reproduzco, realizadas por Ernesto González Bermejo (se publicó en Revista de la Universidad de México. v. XXXIV, n. 1, septiembre de 1979, pp. 4-8), Sylvia Fuentes (se encuentra en: Espejo de escritores. Entrevistas con Borges, Cortázar, Fuentes, Goytisolo, Onetti, Puig, Rama, Rulfo, Sánchez, Vargas Llosa. Notas y prólogo de Reina Roffé. Hanover, N. H., Ediciones del Norte, 1985. pp. 65-77) y Ernesto Parra (publicada en Quimera, ns. 103-104, septiembre-octubre de 1990, pp. 112-117). Fueron tres entrevistas esenciales, reveladoras, en la que se consiguió que Rulfo informara, además del proceso creador de su obra y de su visión de la literatura, acerca de las tormentas y las luces de sus emociones más íntimas. En la transcripción de las entrevistas, he respetado la forma como fueron publicadas originalmente.

Sergio López Mena

**JUAN RULFO: LA LITERATURA ES UNA MENTIRA QUE DICE LA VERDAD.
UNA CONVERSACION CON ERNESTO GONZALEZ BERMEJO***

- ¿Así nació *Pedro Páramo*?
- Así.
- De su cabeza.
- De mi cabeza: diez años estuvo allí.
- ¿Nada que ver con alguien real?
- Nada.
- Diez años. ¿Por qué tanto?
- Porque no sabía cómo decirlo.
- ¿Y entonces?
- Empecé por *El Llano en llamas*: un cuento, «Luvina», me dio la clave. *El tono de la voz es bajo, muerde las palabras. Parece tímido y es lacónico y preciso, como lo que escribe; un cuerpo menudo, de apariencia frágil; un traje sencillo, camisa abotonada, sin corbata; toma agua mineral; prende con precaución unos cigarritos que se llaman Delicados, fuma sin apuro; tiene toda*

* Publicada en *Revista de la Universidad de México*. v. XXXIV, n° 1, sept. de 1979, pp. 4-8.

la fuerza concentrada en los ojos, unos ojos indagadores, aunque discretos, que tanto se pueden dejar llevar por la ternura como decidirse por la determinación; uno se siente a gusto, amigo de siempre, con Juan Rulfo.

—Tenía los personajes completos de *Pedro Páramo*, sabía que iba a ubicarlos en un pueblo abandonado, desértico; tenía totalmente elaborada la novela, lo que me faltaba eran ciertas formas para poder decirlo. Y para eso escribí los cuentos: ejercicios sobre diversos temas, a veces poco desarrollados, buscando soltar la mano, encontrar la forma de la novela.

—¿La idea de *Pedro Páramo* venía de muy atrás?

—Venía a lo mejor de mi infancia, lo más permanente en la vida del hombre. Nací en Jalisco y guardaba una visión lejana de los pueblos abandonados, pero los conocía superficialmente, porque me fui siendo niño y los visité sólo algunas veces, durante las vacaciones.

—Después, ¿volvió?

—Nunca he vuelto.

—Entonces usted no se apoyó en una base testimonial.

—No, no puedo yo trabajar con conocidos, partir de personajes reales; creo que ése fue el problema que tuve con *La cordillera*, la novela que tiré al fuego.

—¿Cómo arma usted un personaje?

—Tengo que imaginarlo primero, gestar sus características, su forma de expresarse, y luego ubicarlo en una región determinada.

—¿Cuál fue el esqueleto de *Pedro Páramo*?

—Pedro Páramo es un cacique, algo característico de México. Hay una cosa curiosa: la estabilidad política del país tiene mucho que ver con el caciquismo. Cada cacique domina una región y el Estado se la deja en sus manos para no tener problemas; el cacique da las órdenes, rige esa región, es un Estado dentro del Estado. Y eso es Pedro Páramo, piedra de un páramo.

—Dueño y señor de una región desértica.

—El sur de Jalisco. Allí hay miles de hectáreas que fueron productivas y que ahora están totalmente erosionadas; pueblos abandonados porque su gente tuvo que partir a ganarse la vida en otra parte, en los Estados Unidos.

—La muerte es la protagonista de esa obra.

—Todos los personajes están muertos; la narración la empieza un muerto que se la cuenta a otro muerto: un diálogo entre muertos en un pueblo muerto.

—El pueblo habla con voces de ultratumba, la muerte impregna hasta las piedras; el pueblo mismo es un personaje.

—Sí, la atmósfera, la luz, todo forma parte de ese personaje.

—No le digo nada nuevo si le digo que impresiona la concisión del libro.

—Quitó ciento cincuenta páginas a *Pedro Páramo*: había divagaciones, elucubraciones mías, intromisiones, explicaciones, más propias del ensayo que de la novela. Saqué todo eso. Quería que el lector participara.

—Que fuera una especie de coautor. Y lo es. Sin embargo, hay críticos que pretenden que *Pedro Páramo* no está bien estructurada.

—Yo les recomiendo tres lecturas de la novela, porque la primera parece complicada, pero a la tercera resulta tan sencilla, tan simple...

—El lenguaje: tengo que decirle que conozco pocos textos en lengua española

tan austeros, tan económicos, tan creativos de una manera de decir. Es algo que está en *El Llano en llamas*, también.

—Sí, hay una forma de decir.

—Que uno la siente muy mexicana.

—Aparentemente es el lenguaje que se usa en un pueblo.

—Aparentemente, pero lo que hay allí es una transposición, una elaboración literaria nada fácil.

—Hay palabras que el diccionario llamaría arcaísmos; es que aún esos pueblos hablan el lenguaje del siglo XVI. Ahora, como usted dice, no se trata de un retrato de ese lenguaje; está transpuesto, inventado, más bien habría que decir: recuperado. Es muy difícil tratar con esa gente; usted les habla y no le responden; simplemente no hablan, guardan un hermetismo absoluto.

—Después de *Pedro Páramo* se habló de una novela que usted estaba escribiendo y usted me confirma que se trataba de *La cordillera* y que la quemó. ¿Por qué?

—Con el impulso que traía de *Pedro Páramo*, casi inmediatamente me puse a escribir esa novela. Llevaba hechas 200 o 250 páginas, pero me resultaba bastante retórica, me disgustaba; llegó un momento en que me encallejé. Estaba escribiendo una cosa antigua, ya envejecida, y decidí no continuar el trabajo.

—¿Qué era lo que no marchaba?

—Los personajes. Eran demasiado acartonados; les faltaba vida. Fue una época que me dio mucho por leer a los cronistas del siglo XVI y XVII, y al mismo tiempo tenía también ciertos conocimientos geográficos de la región.

—Pero usted me decía que lo documental le sirve de poco.

—Precisamente. Quizás lo que sucedió fue que utilicé, en algunos aspectos, personajes reales. Eso pasó.

—¿Cuál era el tema de la novela?

—El tema era la cuerda en una cordillera de montaña.

—¿Qué es «la cuerda»?

—Aquella costumbre que existía antes que hubiera carreteras, trenes y comunicación rápida: era lo que se lleva de un pueblo a otro y allí se remuda.

—Las postas, para los españoles; los chasquis, en rioplatense.

—Exacto. Entonces teníamos una cuerda que traía los productos desde la costa hasta esa cabecera de cordillera; allí los tomaba otra remuda y los llevaba hasta otra cabecera de cordillera. Unos treinta kilómetros en total.

—¿Y usted contaba?

—La historia de varias familias cuyos jefes tenían a su cargo la cuerda. Pero, le repito, los personajes no vivían, por conocidos.

—A diferencia de *Pedro Páramo*, una creación imaginaria y, por lo tanto, muy real.

—*Pedro Páramo* fue un personaje que adquirió vida propia, y lo que yo hice fue seguirlo. Se separó del autor y tomó sus caminos. Nunca lo forcé, nunca intervine.

—Ninguna racionalización.

—Ninguna. La irracionalidad total.

—De ahí la magia, probablemente.

—Sí.

—Hay algo que me campea en *Pedro Páramo*, y es la presencia omnímoda de la muerte. Onetti me comentaba que la relación con la muerte es algo muy mexicano, que tiene un peso enorme en su país. Y estoy de acuerdo.

—El mexicano es una mezcla de español y de indígena. Un español quizás de Extremadura, por ahí de Castilla, que al alearse tomó costumbres españolas, pero bajo un sincretismo que incluía el paganismo, su superstición, su forma de pensar e imaginar las cosas. El mexicano, propiamente de clase baja y hasta cierta clase media baja, es, por regla general, fanático religioso, y entonces, el culto a los muertos es algo común en él. Tenemos un cuarenta por ciento de población con esas características.

—Hablando con Juan Rulfo una pregunta se vuelve casi inevitable: el silencio. ¿Cómo se explica su silencio literario después de 1955, fecha de publicación de *Pedro Páramo*?

—No es silencio; es, simplemente, que no he tenido tiempo de dedicarme a escribir, a lo mío, a lo propio. He tenido que ganarme la vida.

—¿Cómo?

—Trabajo en el Instituto Nacional Indigenista. Me dedico a editar libros de antropología social. En eso se me va el tiempo. Nosotros tenemos cincuenta y dos comunidades indígenas en México. Se están haciendo estudios de cada una: no ya tesis, sino verdaderos estudios antropológicos, de egresados de las universidades de Chicago y Stanford; y hemos publicado unas 65 obras, pero de algunas comunidades hay tres o cuatro, y de otras ninguna. Nuestra preocupación es poder lograr que todas las comunidades indígenas, las cincuenta y dos, tengan su estudio y su libro.

—¿Cuántas tienen, cuántas les faltan?

—Nos faltan unas cuarenta. Los antropólogos se interesan mucho en Chiapas y Oaxaca, pero mucho menos en otros estados del país.

—¿Por qué?

—Porque muchos buscan la mitología, las creencias sobre lo natural, y esos hombres han conservado su cultura casi intacta. En cambio, en otras comunidades hay un poco la ladinización. No es que sean bilingües, pero están bastante en contacto, ya sea comercial o de otra índole, con otros habitantes del país. Otros, lo que ocurre es que viven aislados, y a los antropólogos les cuesta trabajo o les da flojera ir hasta allá, y los han olvidado totalmente. Y ésa es mi principal preocupación. Nos falta tiempo para editar lo que hay; necesitamos buscar el traductor: hay que poner en español lo que esos hombres escribieron.

—¿Cuáles son las comunidades que se han estudiado hasta ahora?

—Se han hecho estudios grandes sobre los indios zapotecos, mixtecos, huaves, zoques, triques, cuicatecos, mazatecos, chinantecos, choles, popolocas, que son los que viven en el estado de Oaxaca.

—¿Cuál es la situación del indígena hoy en México?

—El indígena lleva una vida comunal, organizada en distritos, un tipo de comunismo primitivo, que no ha cambiado en miles de años. Un tipo de ayuda constante de unos a otros. Trabajan para la comunidad. Cualquiera que se

desintegra de la comunidad, que deja de pertenecer al distrito, pierde sus derechos.

— ¿De qué manera puede mantenerse la cohesión de la comunidad? ¿Qué es lo que conspira contra ella?

— Enseñándoles a leer y a escribir en su propia lengua se fortalece la cohesión. Se desintegran los niños indígenas que, por el bajo nivel de los maestros rurales, que dicen «el que no habla español es un bruto», llegan después a sus casas y se encuentran con que sus padres no hablan español. Ahora se ha llevado una campaña de castellanización general para niños y adultos para integrar a todos a la Nación por el idioma. Ellos tienen sentido de nacionalidad.

— ¿Y eso no constituye una forma de violencia cultural?

— No, porque no se tocan sus costumbres ni sus creencias, que es lo fundamental para ellos.

— ¿Qué interés real tiene para usted este trabajo en el campo antropológico?

— Mi interés es naturalmente económico, porque de eso vivo. Es muy difícil, como se sabe, vivir de la literatura en nuestros países. Este trabajo lo tengo hace 18 años, y aparte de que me da de vivir, me gusta, aunque no me interesa llegar a ser antropólogo, y tenga que dejar a un lado la cuestión literaria, que no tiene absolutamente nada que ver con este trabajo.

— ¿Le toma muchas horas ese empleo?

— Bastante: trabajo de las 9 de la mañana a las 3 de la tarde, y de las 5 a las 8 de la noche, y eso, naturalmente, me impide ocuparme de lo mío. Leo mucho, eso sí; estoy al tanto de lo que se hace en literatura, y tengo algunos esquemas completos de cosas mías, algunas ya terminadas, otras que falta trabajarlas. No he descuidado la literatura, que para mí es fundamental, mi afición o mi vicio principal.

— ¿Le angustia o le da placer escribir?

— Me produce una angustia enorme; el papel en blanco es algo tremendo.

— ¿Cuál es su método?

— Me pongo a escribir. Puedo escribir cinco o seis páginas donde no estoy diciendo nada, y de pronto me aparece el personaje y esas páginas iniciales van al cesto y sigo al personaje que nació.

— ¿Qué es para usted la literatura?

— Una mentira. La literatura es una mentira que dice la verdad. Hay que ser mentiroso para hacer literatura, ésa ha sido siempre mi teoría. Ahora que, hay una diferencia importante entre mentira y falsedad. Cuando se falsean los hechos se nota inmediatamente lo artificioso de la situación. Pero cuando se está recreando una realidad en base a mentiras, cuando se reinventa un pueblo, es muy distinto. Aquellos que no saben de literatura creen que un libro refleja una historia real, que tiene que narrar hechos que ocurrieron, con personajes que existieron. Y se equivocan: un libro es una realidad en sí, aunque mienta respecto de la otra realidad.

— Me dicen que hay profesores que andan buscando Comala.

— Y no encuentran nada. Y buscan los pueblos que menciono en mis cuentos, y no existen. Van a ver a mis hermanos, que viven por allá, y les preguntan ¿dónde queda este pueblo?, ¿quién era este personaje?; y ellos les responden: «mi hermano es un mentiroso, no hay nada de eso».

—Onetti me decía algo parecido, que desde niño era un mentiroso nato, que se pasaba contándoles historias inauditas a sus amigos.

—En Caracas estuve en la Universidad Central de Venezuela ante mil quinientos estudiantes con la condición de que hicieran preguntas previas. Y lo que respondí fue una serie de mentiras. Inventé que había un personaje que me contaba a mí los cuentos y que yo los escribía y que cuando ese personaje se murió yo dejé de escribir cuentos porque ya no tenía quien me los contara.

—O sea que se puso a hacer literatura.

—Seguramente estaba yo en vena, porque ahí mismo aparecían personajes, se armaban los cuentos. Apareció un cierto tío mío al que le decían «El Bananas», que se dedicaba al contrabando de marihuana y cosas por el estilo.

—¿Cómo se llevan sus dos vidas, la cotidiana y la de la creación?

—No sé hacer dos cosas al mismo tiempo, y ya le decía que el trabajo en el Instituto Indigenista me absorbe mucho tiempo. Hay que cambiar de mentalidad, y no es fácil.

—No sé cómo plantearlo, pero me parece casi imperdonable, aunque no sé quién tiene la culpa, que un escritor como usted no tenga de una u otra manera resueltos mínimamente sus problemas económicos y se pueda dedicar enteramente a la literatura.

—La culpa no la tiene nadie; es simplemente la necesidad económica de mantener una familia.

—Me parece muy respetable, tanto como me parece lamentable que no haya aparecido una solución de otro tipo.

—Yo no lo considero tan grave ni tan importante.

—Tengo que ponerme incómodo e insistir: para mí —no sólo para mí—, usted con los dos libros que escribió cumplió holgadamente con el siglo, y aunque me gustaría seguirlo leyendo, me pregunto y le pregunto: más que las imposibilidades del trabajo, ¿no ocurrirá que usted ya dijo —muy bien— lo que tenía que decir?

—Ni yo mismo lo sé. Creo que tengo todavía para contar algunas cosas, lo que me falta es tiempo. Pero a partir de noviembre me van a dar unos meses en el trabajo y podré acomodar los papeles que tengo revueltos. Necesito tranquilidad, calma. Tengo varias cosas escritas. Algunas se parecen bastante a *El Llano en llamas* —quizás quedaron unos cuantos cuentos pendientes—; otras resultan diferentes. No sé. No opero bajo planes. Simplemente me pongo a escribir.

—¿Qué es para usted la palabra?

—Un instrumento para construir un lenguaje y contar una historia. Yo no creo en la literatura sin historia. La novela, su nombre lo dice: «señores, yo les traigo a contar esto». Ahora, muchos escriben la palabra por la palabra misma; la moda es escribir por escribir, importa poco la historia, sólo la forma.

—La novela objetivista francesa.

—La moda vino de ahí. Y ahora hay muchos estudios sobre semántica, estructuralismo, lacanismo, que nos han hundido al querer ver la palabra como símbolo absoluto. Los antinovelistas anulan lo humano y tienen miles de imitadores en todo el mundo. Se extendieron como pólvora. Hay un librito pequeño y existen veinte libros sobre ese libro, ya estudiándolo desde el punto de vista de la semántica, de las conjunciones, de la puntuación.

—¿Usted cree que la influencia del *nouveau roman* ha sido tan seria?

—Como moda sí, pero la moda pasa. En Argentina hay actualmente una cantidad fabulosa de estructuralistas; hasta hay un instituto estructuralista. En Brasil prendió mucho porque ahí estuvo Lévy-Strauss muchos años y creó escuela, y en un momento fueron los brasileños los más estructuralistas, pero después dieron un giro completo y hoy tienen una literatura de primerísima calidad.

—¿A qué autores mencionaría?

—A Clarice Lispector, a Nélida Piñon, a Guinho do Rego, para no hablarle de Guimarães Rosa, cuya importancia la conocemos todos.

—Una especie de Rulfo brasileño.

—Guimarães inventó un lenguaje. Lo curioso es que casi todos eran de Minas Gerais. Ultimamente, por contraposición, se produce una corriente de escritores que realmente forman un caudal de hombres y mujeres que cuentan cosas maravillosas, como la literatura de Dalton Trevisan, Adonias Filho, Rubem Fonseca y Raquel de Queiroz, que ha vuelto a escribir ahora, después de muchos años de silencio, novelas de ciencia ficción formidables, tan buenas como las de Clarck (tiene un cuento sobre robots fabuloso); es una gran escritora, de las más grandes, quizás.

—¿Y Jorge Amado?

—Lo considero un escritor populista con tendencia al testimonio.

—Es obvio que ya hay una literatura latinoamericana bastante notable, que se viene gestando desde el *Martín Fierro*, si usted quiere. Y de antes. Pasa por Güiraldes, Rivera, Gallegos. ¿Qué hito señalaría usted como punto de ruptura entre el criollismo y la nueva literatura latinoamericana?

—Marechal y Cortázar.

—Onetti es un acaso aparte.

—Sí, porque ya vino haciendo literatura fuera de serie. Por fortuna, contra la invasión de la antinovela siempre hemos tenido un ancla como Onetti.

—Usted no hizo escuela, como escritor.

—No. Bueno, con Fernando del Paso, quizás.

—¿Por qué será que no hizo escuela?

—Quizás porque vino la moda, el cambio, a la literatura urbana. Si el escritor vive en la ciudad, tiene que plantear los problemas de la ciudad. Yo he vivido 40 años en la ciudad de México, y a mí no me dice nada. Y además, ¿qué ciudad?, ¿qué clase de ciudad?, ¿cuál de todas las ciudades de la ciudad de México, de todos los Méxicos que hay?

—Para usted, la literatura ¿es una forma de conflicto con la realidad real? ¿Piensa — como alguna vez me dijo Vargas Llosa — que cuanto peor está un país mejores escritores tiene?

—Claro, creo que la insatisfacción es la que lanza al escritor hacia algo. Hay fenómenos inusitados: Haití estuvo produciendo una obra literaria muy buena en la época de *Gobernadores del Rocío*, de Jacques Roumain, fabulosa novela, época de Stephan Alexis; los dos estuvieron presos y murieron en la cárcel. Un país necesita estar en crisis, en conflicto, conmovido, para producir algo. Tenemos el caso de Uruguay, que tiene tan buenos novelistas, un país tan pequeño y, sin embargo, con escritores de primera calidad.

—Curiosamente, Onetti surge como un aguafiestas con *El Pozo*, allá en el 39, cuando Uruguay vivía en plena calma chicha, bajo su apariencia bucólica, la mentira aquella de «La Suiza de América». Lo que pasó fue que Onetti fue premonitorio: la Historia resultó todavía más pesimista que él.

—La realidad aún más tremenda; como la vio también otro gran escritor uruguayo: Felisberto Hernández. En México, la mejor literatura se dio cuando el país no sabía para dónde iba; una crisis social, económica, terrible. Por los años de Cárdenas y posteriores a Cárdenas, los años 30-40, se dio la mejor literatura. Y dejaron de ser escritores cuando el país llegó a la estabilidad política. Teníamos a Martín Luis Guzmán, a Rafael F. Muñoz —*Se llevaron el cañón para Bachimba*, excelente novela—, a Jorge Ferretis. Fue la novela de la Revolución.

—Un coletazo que llegó a abarcar al primer Carlos Fuentes.

—Sí, que con *La muerte de Artemio Cruz* cierra la novela de la Revolución. Pero después de esto surgió una generación —ahí tiene lo curioso—, la del 68, de Tlatelolco, muy dolida, y que, sin embargo, no produjo la novela necesaria. Vino una especie de estancamiento, de crisis, de derrota; ya no de fatalidad, sino de apatía; nadie quería hacer nada.

—Están Fernando del Paso, José Emilio Pacheco.

—Bueno, sí, pero tenían una obra ya iniciada y efectivamente la terminaron poco después. Los jóvenes fueron los que fallaron. Proclamaron la necesidad de la novela urbana, pero resulta que no hablaban de la ciudad, ni del edificio en que vivían, sino del cuarto; una novela tan personalista, que llegó casi al intimismo. Y ahí se ve la influencia de Robbe-Grillet. Si siquiera tuvieran calidad formal, pero tampoco. Sus obras no nos dicen nada; sus propias preocupaciones, sus conflictos, sus líos, todo eso no es terreno suficiente para crear una literatura.

—Proust no nace todos los días.

—Lo curioso es que reconocen a Proust como padre de la literatura; a Proust y a Kafka. Nosotros tenemos ciudades grandes, como Guadalajara, con dos millones de habitantes, donde no se produce literatura. ¿Dónde está pues la literatura urbana? Ellos necesitan venir a la ciudad de México para recobrar lo que vivieron en la infancia, me imagino yo. En cambio, los que han nacido y vivido allí todavía necesitan salir al extranjero, como Carlos Fuentes, para tener una perspectiva más lejana de los hechos.

—Y Cortázar escribe *Rayuela* en París.

—No se desligan de su país, pero parece que necesitan esa perspectiva, alejarse.

—Cortázar me decía que le parece formidable que usted hubiera hecho su obra sin salir de México, pero que para él la experiencia europea fue fundamental.

—Pero si para mí la ciudad de México es completamente extraña.

—¿Usted vivió una especie de exilio allí?

—En la soledad más absoluta. Entonces yo tendía a renovar hechos del pasado, no lo que estaba sucediendo.

—También tenía una distancia.

—Claro, como si hubiera estado en Europa. Yo, como le decía, andaba con *Pedro Páramo* en mi cabeza, buscando darle forma, ajeno por completo a ese

contexto urbano, escribiendo mis cuentos, hasta que aquel profesor se va a un pueblo desértico, abandonado, y le cuenta a otro profesor, que va a sustituirlo, lo que es aquello, y toma cerveza —el otro no toma nada— hasta caerse borracho. Aquella era la atmósfera. «Luvina» me dio la clave para *Pedro Páramo*.

FELL, Claude (Coord.) **Toda la Obra Juan Rulfo** : Edición Crítica. 1.reimp. Madrid: ALLCA XX, 1997. (Colección Archivos, v. 17) p. 462-470

¡AY VIDA, NO ME MERECE!
JUAN RULFO, TÚ PON
LA CARA DE DISIMULO*

Elena Poniatowska

Para sacarle provecho a Rulfo hay que escarbar mucho, como para buscar la raíz del chinchayote. Rulfo no crece hacia arriba sino hacia adentro. Más que hablar, rumia su incesante monólogo en voz baja, masticando bien las palabras para impedir que salgan. Sin embargo, a veces salen. Y entonces, Rulfo revive entre nosotros el procedimiento de ponerse a decir ingenuamente atrocidades, como un niño que repitiera la historia de una nodriza malvada. Todo empieza con la canción de la pitahaya a la que Rulfo le tiene muy buena voluntad y le chispea en los ojos, verde, como la milpita tierna que a veces despunta allá, en la barranca de Apulco en donde se crió:

...En la cárcel de Celaya
estuve preso y sin delito
por una infeliz pitaya
que picó mi pajarito;
mentira, no le hice nada,
ya tenía su agujerito.

Allí onde raya Rulfo, ¿quién raya? Naiden. Y ¿después de naiden? Más naiden. Porque así como lo ven, todo engarrñado y escuálido, la mirada huidiza y desconfiada, Rulfo ha escrito dos libros: *El Llano en llamas* y *Pedro Páramo*. Esas trescientas veinticinco páginas rayaron de una vez por todas la literatura mexicana.

*Hermosa flor de pitaya
blanca flor de garambuyo*

- Juan ¿por qué cantas eso?
- Por infeliz.
- Infeliz la pitaya ¿no, Juan?
- También yo.
- Infeliz Pedro Páramo ¿no, Juan?
- Ese sí fue un desgraciado.

«Pedro Paramo» se llamaba primero «Los murmullos»

Por algo *Pedro Páramo* se llamaba primero *Los murmullos*, porque eso es lo que se oye en toda la novela, un rumor de ánimas en pena que vagan por las calles del pueblo abandonado. Rulfo se parece a esos hombres temerarios que aceptan la cita del fantasma y se ponen a hablar con él a media noche: «En nombre de Dios te digo, si eres de este mundo o del otro...» y que luego amanecen medio atarantados, todavía con el temblor del miedo sacudiéndoles el cuerpo, y sin ganas de conversar ya con los vivos. El propio Rulfo tiene mucho de ánima en pena, y sólo habla a sus horas, en esas horas de escritor serio y callado, tan distinto de todos aquellos que no dejan escapar la menor oportunidad de ser inteligentes. A Rulfo no le gusta hablar de sí mismo porque se ha dado por enterito a las voces de su pueblo, a los murmullos de Comala que todos los días se abren paso en él, trabajosa y torpemente,

* Cf. Juan Rulfo. *Homenaje nacional*, op. cit., pp. 49-60.

porque Rulfo apenas les ayuda a expresarse, los tira a media calle a ver si logran atravesarla, los avienta en un petate y los ataranta de calor hasta que dan la última bocanada. Todas las tierras de Rulfo parecen zonas de desastre abatidas por la sequía. Los personajes titubean, buscan poco a poco su lenguaje de labriego, sus duras palabras de piedra y de lodo, traduciendo otra vez el alma humana, repitiendo sus giros, insistiendo en la idea fija: malos y buenos en la inocencia de su indole a medias cortesana y salvaje.

Rulfo siempre tiene un aire de poseído, y a veces se percibe en él la modorra de los medium: anda a diario como sonámbulo cumpliendo de mala gana los menesteres vulgares de la vida despierta. Con el oído atento, deja pasar todos los ruidos del mundo, en espera del mensaje preciso, de la palabra que otra vez ha de ponerlo a escribir, como un telegrafista siempre en espera de su clave. En sus cuentos han hablado muchas almas individuales, pero en *Pedro Páramo* se puso a hablar todo un pueblo, las voces se revuelven una con otra y no se sabe quién es quien. Mas no importa. Las almas comunicantes han formado una sola: vivos o muertos, los hombres de Rulfo entran y salen por nuestra propia alma como Pedro por su casa.

Los vivos y los muertos

- Y ¿Efrén Hernández?
- Ese, lo sabes bien, ya murió.
- Y ¿Cleofas?
- También.
- Y ¿Agustín Yáñez?
- Murió. ¿Por qué me lo preguntas si ya lo sabes?
- ¿Y Alí Chumacero?
- Vive.
- ¿Y José Luis Martínez?
- También vive.
- ¿Está vivo como tú o como yo?
- Como tú y yo.
- ¿Como tú y yo no, Juan, porque no estamos vivos de la misma manera.
- Tienes razón, yo soy un pobre diablo.
- Me refería a que tú eres un gran escritor.
- Pues yo siento que soy un pobre diablo, así es el sentimiento que yo tengo, soy todo deprimido y marginado.
- Eres más ocurrente que eso, Juan.
- Eso sí, tengo mis ocurrencias. Pero lo que no me gusta es la gente, hablar en público, no me siento bien, nada bien. Me entra el pánico, me deprimó mucho, por eso te digo que soy deprimido, me entra la depresión baja y siempre tengo la presión baja, entonces me entra una depresión más baja que la depresión.

En 1970, cuando le dieron a Rulfo el Premio Nacional de Literatura produjo con su voz cascada un discurso totalmente rulfiano:

No recuerdo por ahora quién dijo que el hombre era una pura nada. No algo, ni cualquier cosa, sino una pura nada. Y yo me siento así en este instante; quizá porque conociendo lo flaco de mis limitaciones jamás elaboré un espíritu de confianza; jamás creí en el respeto propio.

Naranjos agrios y arrayanes agrios

«Allá en Comala, he intentado sembrar uvas; no se dan. Sólo crecen arrayanes y naranjos; naranjos agrios y arrayanes agrios. A mí se me ha olvidado el sabor de las cosas dulces.»

Para eso de las entrevistas Rulfo es como los arrayanes y los naranjos que se dan en Comala.

Cuando le hice la primera pregunta en enero de 1954, me quedé media hora esperando la respuesta. Me miraba lastimosamente como miran esos perros a quienes se les saca una espina de la pata. Y al fin comencé a oír la voz de los que cultivan un pedazo de tierra seca y ardiente como un comal, áspera y dura como un pellejo de vaca.

Eso fue hace veintiséis años. Rulfo era gordito y a él —el árbol escueto de *El Llano en llamas*— le gustaba mucho agarrarse de las ramas de los árboles de la colonia Cuauhtémoc. Después se hizo famoso y eso ya no le gustó ni tanto, porque la fama ataranta. Pero en esos años, cuando caminaba por las calles de Tíber, de Duero, de Ganges, Nazas y de Guadalquivir (el Fondo de Cultura estaba en Pánuco) no se le veía por ningún lado la tristeza. Al contrario, se reía hasta con el perro que va pasando. Además, a él lo seguían los perros; aquellos que dan aviso, los de «No oyes ladrar los perros». Ahora, creo, no hay ni esperanza de perros en el Paseo de la Reforma, pero entonces Rulfo tenía fijación en ellos. «Antes en los pueblos, apagaban la luz a las once de la noche y uno no sabía dónde andaba nadie en la oscuridad, si la gente estaba afuera o adentro de sus casas, y sólo por los perros, por los ladridos de los perros localizaba uno a los cristianos, sabía uno que allí vivía la gente. Yo recorrí muchos llanos y las noches en que no oía a los perros ladrar, me sabía perdido.» Así caminaba Rulfo, platique y platique por los ríos de la colonia Cuauhtémoc. Después lo encontré compungido en una que otra cena en su honor. En una, la admiradora más ferviente se acercó para preguntarle: «Señor Rulfo, y ¿qué siente usted cuando escribe?» y casi sin levantar los ojos Rulfo gruñó: «Remordimientos.» En otra, en la Embajada de Italia, en una larga mesa de ceremonia, Alberto Moravia lo instó: «Señor Rulfo, está por terminarse la cena y no hemos escuchado su voz» y Rulfo entonces dijo muy despacito: «Saben ustedes, allá en Comala están desenterrando los cadáveres de los caballos.»

Rulfo niño vio pasar a los cristeros por las faldas del cerro

«Mi padre murió cuando tenía yo seis años, mi madre cuando tenía ocho. Cuando mis padres murieron yo sólo hacía puros ceros, puras bolitas en el cuaderno escolar, puros ceros escribía. Nací el 16 de mayo de 1918 en Sayula, pero me llevaron luego a San Gabriel. Yo soy hijo de Juan Nepomuceno Rulfo y de María Vizcaíno. Me llamo con muchos nombres: Juan Nepomuceno Carlos Pérez Rulfo Vizcaíno. Mi madre se apellidaba Vizcaíno y en España hay una provincia que se llama Vizcaya, pero nadie, ningún español se llama Vizcaíno, ese apellido no existe, por lo tanto aquí lo inventaron en México.

»Mis padres eran hacendados, uno tenía una hacienda: San Pedro Toxin, y otro Apulco, que era donde pasábamos las vacaciones. Apulco está sobre una barranca y San Pedro a las orillas del río Armería. También en el cuento *El Llano en llamas* aparece ese río de mi infancia. Allí se escondían los gavilleros. Porque a mi padre lo mataron unas gavillas de bandoleros que andaban allí, por asaltarlo nada más. Estaba lleno de bandidos por allí, resabios de gente que se metió a la revolución y a quienes les quedaron ganas de seguir peleando y saqueando. A nuestra hacienda de San Pedro la quemaron como cuatro veces, cuando todavía vivía mi papá. A mi tío lo asesinaron, a mi abuelo lo colgaron de los dedos gordos y los perdió; era mucha la violencia y todos morían a los treinta y tres años. Como Cristo, sí. Así es de que soy hijo de gente adinerada que todo lo perdió en la revolución.»

Santo Dios, Santo Inmortal
 Ruega por nosotros
 Animas benditas del purgatorio
 Rueguen por nosotros
 San Mateo,
 Ruega por nosotros
 Santo Niño de Atocha,
 Ruega por nosotros
 Santo San Antoñito,
 Ruega por nosotros.

Rulfo niño vio pasar a los cristeros por las faldas del cerro, y su mamá le tapaba los ojos para que no se le quedara grabado el siniestro monigote de un ahorcado o la marioneta de hilos rotos que los soldados llevaban a empujones hasta el paredón del fusilamiento.

**Fueron las mujeres las que mandaron a los hombres a matarse
en la guerra de los cristeros**

«Mi abuela, María Rulfo Navarro, no hablaba con nadie. Sólo leía su devocionario, bueno ni lo leía, se lo sabía de memoria. Y cuando no lo leía se iba a la iglesia. Aunque mi abuela no era propiamente cristera no salía de la iglesia. Mis hermanos y yo vivimos solititos, éramos cuatro, nos acompañamos los cuatro.»

En su cuento «Nos han dado la tierra», Rulfo dice: «Somos cuatro. Yo los cuento: dos adelante y dos atrás. Miro más atrás y no veo a nadie. Entonces me digo: Somos cuatro.»

Huérfano, Rulfo lo es como lo son casi todos los mexicanos: huérfano de padre, huérfano de madre, huérfano de gobierno. Así como Juan Preciado va buscando a su padre, son muchos los hijos de Pedro Páramo. Su madre, Doloritas, le recomienda: «El olvido en que nos tuvo, mi hijo, cóbraselo caro.» Juan, el hijo abandonado, llega a un pueblo abandonado. Por sus calles, en sus casas destechadas, oye el murmullo de las ánimas en pena; la cabeza se le llena de ruidos, de voces. En «Luvina» se hace aún más brutal el desamparo en que viven los mexicanos pobres. Nadie los cuida, nadie se hace cargo de ellos, el padre avienta a los hijos, el Gobierno se deshace de ellos, entre más pronto mejor:

—Dices que el Gobierno nos ayudará, profesor. ¿Tú conoces al Gobierno?

Les dije que sí.

—También nosotros lo conocemos. Da esa casualidad. De lo que no sabemos nada es de la madre del Gobierno.

Yo les dije que era la Patria. Ellos movieron la cabeza diciendo que no. Y se rieron. Fue la única vez que he visto reír a la gente de Luvina. Pelaron sus dientes molenques y me dijeron que no, que el Gobierno no tenía madre.

Rulfo es hijo de todos los abandonos, el de sus padres, el de la tierra.

En San Gabriel hice parte de la primaria y cuando la Cristiada nos venimos a Guadalajara porque ya no había escuelas, ya no había nada; era zona de agitación y de revuelta, no se podía salir a la calle, nomás oías los balazos y entraban los Cristeros a cada rato y entraban los Federales a saquear y luego entraban otra vez los Cristeros a saquear, en fin, no había ninguna posibilidad de estar allí y la gente empezó a salirse, a abandonar los pueblos, a abandonar la tierra.

Esto mismo lo escribió Rulfo en *Pedro Páramo*.

Desde entonces la tierra se quedó baldía y como en ruinas. Daba pena verla llenándose de achagues con tanta plaga que la invadió en cuanto la dejaron sola. De allá para acá se consumió la gente; se desbandaron los hombres en busca de otros «bebederos». Recuerdo días en que Comala se llenó de «adioses» y hasta nos parecía cosa alegre ir a despedir a los que se iban. Y sé que se iban con intenciones de volver. Nos dejaban encargadas sus cosas y su familia. Luego algunos mandaban por la familia aunque no por sus cosas, y después parecieron olvidarse del pueblo y de nosotros, y hasta de sus cosas. Yo me quedé porque no tenía adonde ir. Otros se quedaron esperando que Pedro Páramo muriera, pues según decían les había prometido heredarles sus bienes, y con esa esperanza vivieron todavía algunos. Pero pasaron años y años y él seguía vivo, siempre allí, como un espantapájaros frente a las tierras de la Media Luna.

En San Gabriel —repite Rulfo— hice parte de la primaria con unas monjitas francesas josefinas que usaban unos bonetes muy largos, blancos, almidonados y manejaban el colegio del pueblo, pero a raíz de la Cristiada quitaron el colegio y entonces ya no hubo ni colegio, ni monjas, ni maldita la cosa y por eso me mandaron con mis hermanos a Guadalajara, a un orfanatorio, allí entré a tercero de primaria y allí comíamos y era una especie de prisión horrible. De hecho, en ese tiempo los orfanatorios eran como correccionales, porque la gente rica de Guadalajara mandaba a sus hijos allí para castigarlos cuando se portaban mal, allí los archivaban.

En Guadalajara, ya nadie nos vio. Mi abuela María Rulfo Navarro se quedó en San Gabriel. Lo que sí, tenía un carácter tan fuerte que aun su hijo militar, el coronel David Pérez Rulfo, hacía lo que le mandaba. En todo Jalisco y en el Bajío es la mujer la que manda. No sólo eso, la mujer hizo la Cristiada porque obligaba a los hombres a ir a pelear, al marido, a los hijos. Los acicateaban: «Si tú no vas es que no eres hombre», y en Jalisco decirle a un hombre que no es hombre es la peor ofensa. Entonces las esposas espoleaban al marido, las madres a los hijos, las hermanas a los hermanos y por eso ellas fueron las autoras de la Cristiada. El cura las utilizaba a ellas, las azuzaba en misa, un sermón tras otro; así fomentaba la causa; decía que había que ir a pelear, lo decía en todos los tonos, creo que era casi lo único que decía, que había que pelear por Cristo, matar por Cristo. Tanto lo decía que él mismo se alborotó y se alzó en armas. El Padre Rentería en *Pedro Páramo* también deja Comala, pero éste no se robaba a las muchachas como aquel otro, el cura Sedano de Zapotlán, a quien después los espantados jaliscienses vieron colgado de un poste. Yo fui anticristero, me pareció siempre una guerra tonta, tanto de un lado como de otro, del gobierno y del clero. La guerra de los cristeros se dio en Jalisco principalmente pero también en Michoacán, en Nayarit, en Zacatecas, en Colima, en Guanajuato. De los altos de Guanajuato salió, allá se dio el primer brote pero cundió pronto y duró de 1926 a 1928 casi 29, una guerra en contra del decreto que estipulaba que los curas no podían officiar misa, que las iglesias eran propiedad del Estado. Muchas gentes de posibilidades financiaron entonces a los Cristeros, les dieron dinero para que compraran parque y armas.

Cuando se fue a la cristiada, el cura de mi pueblo dejó su biblioteca en la casa porque nosotros vivíamos frente al curato convertido en cuartel y, antes de irse, el cura hizo toda su mudanza. Tenía muchos libros porque él se decía censor eclesiástico y recogía de las casas los libros de la gente que los tenía para ver si podía leerlos. Tenía et índice y con ése los prohibía, pero lo que hacía en realidad era quedarse con ellos porque en su biblioteca había muchos más libros profanos que religiosos, los mismos que yo me senté a leer, las novelas de Alejandro Dumas, las de Víctor Hugo, Dick Turpin, Buffalo Bill, Sitting Bull. Todo eso lo leí yo a los diez años, me pasaba todo el tiempo leyendo, no podías salir a la calle porque te podía tocar un balazo. Yo oía muchos balazos, después de algún combate entre los Federales y los Cristeros había colgados en todos los postes. Eso sí, tanto saqueaban los Federales como los Cristeros.

De esta infancia salen todos los cuentos, toda la obra de Rulfo, breve, fulgurante, descarnada como la entrada de los Cristeros al pueblo, su pillaje, la masacre; breve y sanguinaria y fanática como el grito de Viva Cristo Rey. Porque Rulfo no se sabe otra, no conoce el sabor de las cosas dulces, también a él lo colgaron de un poste del telégrafo, también él se bambolea desde entonces, porque no es cierto que su mamá le tapó los ojos, su mamá no le tapó nada. María Vizcaíno murió cuando él tenía diez años y antes él alcanzó a ver todos los monigotes con el rostro renegrido meciéndose al viento, con la soga al cuello. También a él le fue mal y ha andado desde entonces por allí desparramado. Los vio y los sigue viendo y los mantiene indelebles pegados a la frente, allí mismo donde ahora les ponen una estrellita de oro a los niños bien portados.

Era raro que no viéramos colgado de los pies a alguno de los nuestros en cualquier palo de algún camino. Allí duraban hasta que se hacían viejos y se arriscaban como pellejos sin curtir. Los zopilotes se los comían por dentro, sacándoles las tripas, hasta dejar la pura cáscara. Y como los colgaban alto, allá se estaban campaneándose al soplo del aire muchos días, a veces meses, a veces ya nada más las puras tilangas de los pantalones bulléndose con el viento como si alguien las hubiera puesto a secar allí. Y uno sentía que la cosa ahora sí iba de veras al ver aquello.

Como Pedro Páramo, Rulfo camina entre la sequía y es hombre de pocas palabras, árido, hosco, desalentado. Porque a Rulfo todo parece desalentarlo, la vida, los honores, el trato con los demás y

sobre todo las entrevistas. Yo creo que desde siempre se siente extraño, no sólo en la capital, sino en el mundo. Y es que salió de una barranca muy honda, la de Apulco, y de allí también, con mucho trabajo, fue sacando los recuerdos y desde entonces, al hilvanarlos en dos libros prodigiosos, algo se le desacomodó por dentro, quizá el alma.

Rulfo, te he estado esperando desde hace retelharto tiempo

— Yo vivo muy encerrado siempre, muy encerrado. Voy de aquí a mi oficina y párale de contar. Yo me la vivo angustiado. Yo soy un hombre muy solo, solo entre los demás. Con la única que platico es con mi soledad. Vivo en la soledad. Ya sé que todos los hombres están solos, pero yo más. Me sentí más solo que nadie cuando llegué a la ciudad de México y nadie hablaba conmigo, y desde entonces la soledad no me ha abandonado. Mi abuela no hablaba con nadie, esa costumbre de hablar es del Distrito Federal, no del campo. En mi casa no hablábamos, nadie habla con nadie, ni yo con Clara ni ella conmigo, ni mis hijos tampoco, nadie habla, eso no se usa, además yo ni quiero comunicarme, lo que quiero es explicarme lo que me sucede y todos los días dialogo conmigo mismo, mientras cruzo las calles para ir a pie al Instituto Nacional Indigenista, voy dialogando conmigo mismo para desahogarme, hablo solo. No me gusta hablar con nadie.

— ¿Cómo le haces al cuento?

— Hace mucho que no los hago.

— ¿Y cuando los hiciste...?

— Efrén Hernández y yo trabajábamos en Migración allá por 1936, 37. Y un día me dijo: «¿Qué está usted haciendo allí con todos esos papeles escondidos?» «Pues esto.» Y le enseñé unas cuartillas: «Malo. Esto que está usted haciendo es muy malo. Pero a ver, déjeme ver aquí hay unos detallitos...» Ya ves como era Efrén, además de gran cuentista... pues me señaló el camino y me dijo por dónde. Efrén parecía un pajarito pero con unas enormes tijeras de podar, me fue quitando toda la hojarasca, hasta que me dejó tal cómo me viste en 1954, en pleno *Llano en llamas* hecho un árbol escueto. Creo que en mi lucha por apartarme de las complicaciones verbales he ido a dar a la simpleza. Oye nomás, por ejemplo, cómo hablan las gentes de «Talpa», de «Diles que no me maten» y de «Es que somos muy pobres».

— Pues hablan con la verdadera voz del pueblo, tal como lo han dicho los críticos. Hablan como si la barranca de Apulco se pusiera a contarnos sus cosas, con esa antigua voz de adobe, de maíz y de tepetate.

— Yo nunca leo lo que dicen los críticos ni sé lo que dicen.

— ¿Ni te importa? ¿No te importa lo que dijo Efrén Hernández?

— Ah, él sí, él sí, a él lo tengo muy presente. Hasta puedo encontrarte el recorte en un dos por tres, lo tengo a la mano. El presentó en 1948 mi cuento «La cuesta de las comadres» en la revista *América*. Entonces escribió: «Causa, a un tiempo, de mi más persistente desconcierto y mi mayor confianza, es la manera de rigor, la rigurosísima y tremenda aspiración, el ansia de superación artística de este nato escritor. Cosas que en buena ley son de envidiarse, él, por hallarlas ruines, ha venido rompiéndolas, tirándolas, deshaciéndose de ellas, ¡para volver a hacerlas! Nadie supiera nada de sus inéditos empeños si yo no, un día, pienso que por ventura, adivino en su traza externa algo que lo delataba; y no lo instara hasta con terquedad, primero a que me confesase su vocación, enseguida a que me mostrara sus trabajos y, a la postre, a no seguir destruyendo.»

— Y ¿cuál era tu traza externa, Juan, en aquellos años?

— Yo caminaba rápido para ir al trabajo como camino ahora porque siempre se me hace tarde, como ahora en que se me juntan las horas en una sola, se me atraviesan. Yo no tenía nada, ni tenía a nadie, yo caminaba a mi trabajo; era un buen trabajo porque allí lo dejaban a uno en paz y no había entrevistadoras polacas. Allí empecé a leer mucha historia, a todos los cronistas, a Torquemada, las relaciones históricas del siglo XVI. Descubrí que en el archivo de Migración nada se movía porque a

nadie le interesaba estar allí. Con cada cambio de gabinete los corrían a todos menos a los del archivo, del cual ni se acordaban, y en ese departamento donde no sucedía nada nos fuimos a meter Jorge Ferretis y yo, a la sombra de Efrén Hernández. No queríamos que nos viera nadie, para así dedicarnos a nuestras cosas.

Rulfo, te he estado esperando desde hace reteharto tiempo

Las mujeres a Juan Rulfo

Tú eres una calamidad
Eres bien mañoso
Usas todas tus tretas
Todititas
Así como quien no quiere
la cosa.
Pones la cara de disimulo
pero
ni creas que te las malicias todas
eso sí que no.
Nomás andas engatusando.
Todo lo ves colorado,
como si estuvieras asomándote
a la puerta del infierno.
Te vamos a sacar los chamucos
a chicotazos
para que te aprendas
la lección
de la pitaya.

*Lo que son las mujeres
para Juan Rulfo*

Viejas carambas
Viejas infelices
Viejas de los mil judas
Viejas hijas del demonio.
Susana San Juan
La Arremangada
Floripondios engarruñados
Ni una siquiera pasadera
La Berenjena
La Virgen de Talpa
La Cuarraca
Natalia
Viejas indinas
Viejas feas como pasmadas
de burro

Las mujeres a Juan Rulfo

Así que ponte en juicio,
 Juan Nepomuceno Carlos Pérez
 Rulfo Vizcaíno
 hijo de María Vizcaíno y
 de Juan Nepomuceno Rulfo.
 Ya comimos en casa
 de La Torcacita.
 Tenemos algunos pendientes
 nosotras y tú.
 Muchos pendientes.

El que solo se ríe de sus maldades se acuerda

Juan Rulfo, socarrón, discurre maldades, su ceja parada, los pelos de su ceja duros como estropajos, su mirada bajo el párpado perezosamente levantado, un tanto maligna. Porque Rulfo no es ningún santo, no señores, señoras y señoritas, como tampoco lo fue Orozco, como tampoco lo es ninguno de los grandes que Jalisco ha producido salvo Agustín Yáñez, que debió ser obispo de Papantla y erró el camino y se volvió de piedra, todo él tallado con el mocho de la hacha, estatua de sí mismo, listo con muchos años de anticipación para la posteridad. No conocí a Orozco pero creo que se parecía mucho a Juan Rulfo; de grandes trazos inexorables, los dos poseedores de la pureza de los duros, enajenados y compactos como terrones de tepetate, esa arcilla reseca que mancha de amarillo ciertas regiones de Jalisco, los dos mofándose del culto de la muerte y de la vida, volviendo la espalda a lo externo, amorosos del hombre y dolientes por su sacrificio inútil. Orozco vivió la Revolución y supo pintar el sangriento panorama, las víctimas inocentes y los héroes traicionados. Rulfo se llenó el alma de palabras y nos la fue dando como piedras, no las aventó a que nos golpearan el pecho y viéramos de una vez por todas con una sola frase que parece emerger de la tierra, abrupta, triste, escueta, podada lo que antes habían dicho José Eustasio Rivera, Rómulo Gallegos, Rafael F. Muñoz, Mariano Azuela, Martín Luis Guzmán, Agustín Yáñez. Los arrieros de Rulfo apenas si hablan como almas vivientes y la información que dan es definitiva, absoluta.

Rulfo parece hablar desde el fondo del tiempo, con una voz antigua, terrible, la pura esencia de la tierra. Como si nos pusiera entre las manos un terrón y nos dijera: «Toma, esto es lo que puedo darte.» Ya Rulfo lo descifró. Cuando uno lee a Rulfo, oye uno silbar al viento a ras de la tierra seca, oye uno el olvido, oye uno las cenizas. También la tristeza. Rulfo entonces se alza como un personaje desolado que va caminando encima de esta tierra baldía, violenta, agria, de noches muy largas.

Para Rulfo lo que sucede entre hombres y mujeres es casi siempre atroz

Para Rulfo, todo lo que sucede entre hombres y mujeres es atroz. Pocas situaciones más atroces que la de Pedro Páramo parado junto a la puerta esperando a que Susana San Juan deje de invocar a Florencio. La mujer se revuelve entre las sábanas mientras un hombre solitario la mira recargado en la puerta, la escucha llamar a otro, retorcerse de dolor por otro. Toda su vida esperó Pedro Páramo: «Esperé treinta años a que regresaras, Susana. Esperé a tenerlo todo. No solamente algo sino todo lo que se pudiera conseguir de modo que no nos quedara ningún deseo, sólo el tuyo, el deseo de ti.» Y cuando por fin puede cumplirlo, abrasado por la pasión, Pedro Páramo encierra en su recámara a una loca y la mira erguirse desnuda, buscando a otro en medio de su delirio erótico: «Tengo la boca llena de ti, de tu boca. Tus labios apretados, duros como si mordieran oprimiendo mis labios...»

Susana San Juan dice «que ella escondía sus pies entre las piernas de él. Sus pies helados como piedras frías y que allí se calentaban como en un horno donde se dora el pan. Dice que él le mordía los

pies diciéndole que eran como pan dorado en el horno. Que dormía acurrucada, metiéndose dentro de él, perdida en la nada al sentir que se quebraba su carne, que se abría como un surco abierto por un clavo ardoroso, luego tibio, luego dulce, dando golpes duros contra su carne blanda; sumiéndose, sumiéndose más, hasta el gemido. Pero que le había dolido más su muerte. Eso dice».

Y Pedro Páramo la escucha. Y la ve. Y allí es cuándo. Y allí es dónde. Se pasa la noche de pie, recostado en la pared «observando a través de la pálida luz de la veladora el cuerpo en movimiento de Susana; la cara sudorosa, las manos agitando las sábanas, estrujando la almohada hasta el desmorecimiento. Ésas son las únicas noches que pasa a su lado, noches doloridas, de interminable inquietud». Y se pregunta hasta cuándo terminará aquello y espera que alguna vez porque «nada puede durar tanto, no existe ningún recuerdo por intenso que sea que no se apague». Si ésta no es una de las más aterradoras imágenes de la desgracia amorosa no sé qué pueda serlo.

Si no siembra la desgracia entre hombres y mujeres por lo menos hace desgraciadeces

Susana San Juan muere pero Rulfo sigue sembrando la desgracia entre hombres y mujeres, y si no la desgracia, haciendo desgraciadeces. ¿O no es una desgraciadez esa plática atroz entre Lucas Lucatero y Nieves?

—Mejor cállate. Lucas Lucatero. Dios no te perdonará lo que hiciste conmigo. Lo pagarás caro.

—¿Hice algo malo contigo? ¿Te traté acaso mal?

—Lo tuve que tirar. Y no me hagas decir eso aquí delante de la gente. Pero para que te lo sepas: lo tuve que tirar. Era una cosa así como un pedazo de cecina. ¿Y para qué lo iba a querer yo, si su padre no era más que un vaquetón?

—¿Con que eso pasó? No lo sabía. ¿No quieren otra poquita de agua de arrayán? No me tardaré nada en hacerla. Espérenme nomás.

¿Y no es otra desgraciadez la situación de Natalia, después de que ella y su cuñado llevan a Tanilo a Talpa a buscarle la muerte?

Yo ya sabía desde antes lo que había dentro de Natalia. Conocía algo de ella. Sabía por ejemplo que sus piernas redondas, duras y calientes como piedras al sol del mediodía estaban solas desde hacía tiempo. Ya conocía yo eso. Habíamos estado juntos muchas veces; pero siempre la sombra de Tanilo nos separaba; sentíamos que sus manos ampolladas se metían entre nosotros y se llevaban a Natalia para que lo siguiera cuidando. Y así sería siempre mientras él estuviera vivo.

En «Anacleto Morones» Rulfo ríe abiertamente de sus desgraciadeces, ríe solo, quedito —el que solo ríe, de sus maldades se acuerda— y se baja los pantalones como Lucas Lucatero y se acuclilla en su corral para espantar a las beatas y que no se acerquen, pero se arriman las muy indinas y hasta le preguntan qué está haciendo y él tiene que contestarles que nada y menos lo que están pensando y fajarse los pantalones frente a las más feas:

Viejas hijas del demonio, las vi venir todas juntas, en procesión, vestidas de negro, sudando como mulas bajo el mero rayo del sol. Las vi desde lejos como si fuera una recua levantando polvo. Su cara ya ceniza de polvo; negras todas ellas. Venían por el camino de Amula, cantando entre rezos, entre el calor, con sus negros escapularios grandotes y renegridos sobre los que caía en goterones el sudor de su cara.

También en «Luvina», las mujeres son una presencia negra, amenazante, una sombra que se mueve compacta, al acecho ¿de qué? Rulfo no lo dice, pero al parecer, las mujeres siempre están pidiendo que les hagan el favor, y el autor parece sentirse siempre perseguido, hasta por las viejas que permanecen allí rondándolo, rogándole, marchitas como floripondios, engarruñados y secos, todas caídas por los cincuenta, viejas carambas. Para él, las mujeres son sólo un mal augurio:

Sí, allí en frente... Unas mujeres... Las sigo viendo. Mira, allí tras las rendijas de esa puerta veo brillar los ojos que nos miran... Han estado asomándose para acá... Míralas. Veo las bolas brillantes de sus ojos. Pero no tienen qué darnos de comer. Me dijeron sin sacar la cabeza que en este pueblo no había de comer, entonces entré aquí a rezar, a pedirle a Dios por nosotros» (...) «Pero al rato oí yo también. Era como un aletear de murciélagos en la oscuridad, muy cerca de nosotros. Me levanté y se oyó el aletear más fuerte, como si la parvada de murciélagos se hubiera espantado y volara hacia los agujeros de las puertas. Entonces caminé de puntitas hacia allá sintiendo delante de mí aquel murmullo sordo. Me detuve en la puerta y las vi. Vi a todas las mujeres de Luvina con su cántaro al hombro, con el rebozo colgando de su cabeza y sus figuras negras sobre el negro fondo de la noche.

Hay que cortarles los bigotes a las mujeres

En «Anacleto Morones», antes de acostarse con la Pancha, Lucas Lucatero le pide que se corte esos pelos que tiene en los bigotes y hasta le ofrece traerle las tijeras. Entonces, Pancha le responde:

—Cómo te burlas de mí, Lucas Lucatero. Te pasas la vida mirando mis defectos. Déjame mis bigotes en paz. Así no sospecharán.

—Oye Juan, y ¿cuál es el momento de tu vida en que has sido más feliz?

—Yo creo que nunca he tenido ningún momento.

—¡Ay, a poco! ¿Ni cuando haces el amor eres feliz?

—Bueno... asegún. Todo tiene sus asegunes.

—Oye Juan y ¿por qué en tus cuentos y en tu novela *Pedro Páramo* las mujeres aparecen sólo vistas por los hombres?

—Es que yo tengo muy pocos personajes mujeres.

—Pero tu gran personaje mujer, Susana San Juan, es una loquita. ¿Por qué? ¿O es que tú crees que las mujeres están medio chifladas?

—No. Son redondas las mujeres.

—¿Redondas?

—Sí, es que no tienen esquinas y no hay por dónde agarrarlas.

—¿A poco tú nunca has podido agarrarlas?

—Pues me ha costado trabajo.

—Todo cuesta trabajo.

—A mí me gusta mucho la mujer pero me gusta más como amiga y como compañera que como esposa, porque el matrimonio es una atadura y desde el momento en que es una atadura deja de funcionar.

—Y ¿por qué pones a Susana San Juan a decir puras distancias?

—Susana San Juan dice cosas muy concretas; habla de su amor por otro, por Florencio.

—Es que tú tratas mal a las mujeres, Juan, ninguna de ellas funciona realmente; todas son encarnaciones de alguna debilidad humana, estériles como Dorotea, chismosas como Eduviges, arrepentidas como Natalia, locas como Susana San Juan, bigotonas como Pancha.

—¿Pancha? ¿Cuál Pancha?

—Pancha, la de «Anacleto Morones».

—¡Ah, cómo serás!

—Cómo serás tú, Juan. A Susana San Juan la avientas sobre el lecho revuelto, los ojos vidriosos, la mirada perdida, bañada en sudor, diciendo puras distancias. Ninguna mujer para ti funciona como una mujer de a de veras, ninguna dice esta boca es mía, ninguna es fresca como la fresca mañana, sólo Natalia tiene las piernas redondas y duras al sol pero para lo que le sirven, se las llenas de pústulas y de llagas como el cerebro, la corroe el remordimiento, le amoratas las piernas, se las anudas para no volver a desatarlas. ¡Y luego, lo que le haces a Damiana!

—¿Qué le hago yo a Damiana, por Dios?

—La pones allí a esperar toda la vida a que regrese Pedro Páramo. En vano entorna la puerta y se desnuda para que don Pedro no encuentre dificultades pues él nunca regresa porque una noche gritó frente a su puerta: «Damiana, ábreme la puerta, Damiana», y ésta no le abrió. ¡Y lo que le haces a Micaela!

—¿A Micaela?

—Sí, a Micaela. Ella le explica a Lucas Lucatero que no ha manchado su alma:

—Soy soltera, pero tengo marido. Una cosa es ser señorita y otra cosa es ser soltera. Tú lo sabes. Y yo no soy señorita, pero soy soltera.

—A tu años haciendo eso, Micaela.

—Tuve que hacerlo. Qué me ganaba con vivir de señorita. Soy mujer. Y una nace para dar lo que le dan a una.

—Hablas con las mismas palabras de Anacleto Morones.

—Sí; él me aconsejó que lo hiciera para que se me quitara lo hepática. Y me junté con alguien. Eso de tener cincuenta años y ser nueva es un pecado.

—Oye, pues qué te pasa, ¿por qué te enojas, a poco ya te hiciste feminista?

—No, si sólo estoy repitiendo tus palabras.

Somos un pueblo sin compasión y sin ternura

No sería temerario afirmar que la literatura de Rulfo se basa en el rencor. O en los rencores. La tierra sólo entrega un pellejo de vaca, el sol calcina; tatemá los llanos pelones y las cabezas alucinadas, las mujeres son comales ardiendo, cuya carne se calienta en seguida con el calor de la tierra. Los hombres de Rulfo, mejor dicho, sus ánimas en pena van por llanos en llamas buscando a un padre que los deshijó en el momento de concebirlos, son sólo hijos de una madre que les dejó el encargo de vengarla y murieron en buena hora, porque de no morir a tiempo sólo hubieran servido de risión para los demás, para aquellos que toman cerveza caliente en la cantina, caliente como meados de burro, para aquellos que hablan de la mujer como de la pitahaya, que sirve únicamente porque tiene su agujerito, el mismo que el «truenanueces» truena para poder entrar al callejón de Valerio Trujano en «Un pedazo de noche». Las mujeres sólo están para dejarse tronar la nuez, los hombres para tronarla, los perros para ladrar. Somos un pueblo sin compasión y sin ternura, nada mejor puede pasarle a Susana San Juan que estar bajo tierra y removerse allá adentro cuando la tierra se humedece y quiere decir sus cosas. Nada mejor para Pedro Páramo que convertirse en ese montón de piedras en el que se desmorona al final de su vida. Nada mejor que el viento que va subiendo encañonado. Sin embargo, si el aire es de piedra gris, a veces florece la delicada flor del cactus en esa «tanta y tamaña tierra para nada», aunque dure poco porque en San Gabriel sopla «un viento que no deja crecer ni las dulcamaras; esas plantitas tristes que apenas si pueden vivir un poco untadas a la tierra, agarradas con todas sus manos al despeñadero de los montes. Sólo a veces, allí donde hay un poco de sombra, escondido entre las piedras, florece el chicalote con sus amapolas blancas. Pero el chicalote pronto se marchita. Entonces uno lo oye rasguñando el aire con sus ramas espinosas, haciendo un ruido como el de un cuchillo sobre una piedra de afilar». Rulfo poseso, se posesiona de una y la deja abierta a las visitaciones, a los espíritus, a los fantasmas, a las ánimas en pena, al más allá, al pequeño cielo de la puerta por el cual se asoman las estrellas. Y hasta es posible oírlo cantar, con su voz cascada y rencorosa:

*Hermosa flor de pitaya
blanca flor de garambuyo.*